

O Evangelho segundo o Espiritismo



Allan Kardec

CAPÍTULO XVII – Sede perfeitos

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

		Índice	
Capítulo XVII – Sede perfeitos			03
Caracteres da perfeição			03
	Os caracteres da perfeição e seus obstáculos		04
	Diante da perfeição		07
O homem de bem			09
	Ser um homem de bem é a nossa meta		11
	A semente do homem de bem		13
Os bons espíritos			15
	Os bons espíritos		16
	Afeição que os Espíritos votam a certas pessoas		17
Parábola do sementeiro			19
	A parábola do sementeiro		20
	Semeaduras e colheitas		22
Instruções dos Espíritos.	O dever		25
	Cumprindo o dever		26
	O auxílio virá		28
	A virtude		30
	Virtudes		31
	Indulgência, a virtude da compreensão		32
	Os superiores e os inferiores		36
	Cooperação		37
	Esmola		38
	O homem no mundo		39
	O homem e o mundo		40
	Deus, Fé, Ciência		42
	Cuidar do corpo e do espírito		45
	Cuidar do corpo e da alma		46
	Cuidados com o corpo e com o espírito		48

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – Allan Kardec

Capítulo XVII – Sede perfeitos

1. Caracteres da perfeição

1. Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam. Porque, se somente amardes os que vos amam, que recompensa tereis disso? Não fazem assim também os publicanos? Se unicamente saudardes os vossos irmãos, que fazeis com isso mais do que outros? Não fazem o mesmo os pagãos? Sede, pois, vós outros, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial.

(Mateus, 5:44, 46 a 48.)

2. Pois que Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas, esta proposição: “Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial”, tomada ao pé da letra, pressuporia a possibilidade de atingir-se a perfeição absoluta.

Se à criatura fosse dado ser tão perfeita quanto o Criador, tornar-se-ia ela igual a este, o que é inadmissível.

Os homens a quem Jesus falava não compreenderiam essa nuance, pelo que Ele se limitou a lhes apresentar um modelo e a dizer-lhes que se esforçassem pelo alcançar.

Aquelas palavras, portanto, devem entender-se no sentido da perfeição relativa, a de que a Humanidade é suscetível e que mais a aproxima da Divindade. Em que consiste essa perfeição? Jesus o diz: “Em amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem.” Mostra Ele desse modo que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla acepção, porque implica a prática de todas as outras virtudes.

Com efeito, se se observam os resultados de todos os vícios e, mesmo, dos simples defeitos, reconhecer-se-á nenhum haver que não altere mais ou menos o sentimento da caridade, porque todos têm seu princípio no egoísmo e no orgulho, que lhes são a negação; e isso porque tudo o que sobre-excita o sentimento da personalidade destrói, ou, pelo menos, enfraquece os elementos da verdadeira caridade, que são: a benevolência, a indulgência, a abnegação e o devotamento. Não podendo o amor do próximo, levado até o amor dos inimigos, aliar-se a nenhum defeito contrário à caridade, aquele amor é sempre, portanto, indício de maior ou menor superioridade moral, donde decorre que o grau da perfeição está na razão direta da sua extensão. Foi por isso que Jesus, depois de haver dado a seus discípulos as regras da caridade, no que tem de mais sublime, lhes disse:

“Sede perfeitos, como perfeito é vosso Pai celestial.”

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

Nº 145 – 14/02/2010

O Consolador – (Thiago Bernardes)

I. Caracteres da perfeição

Os caracteres da perfeição e seus obstáculos

O apego às coisas materiais é sinal notório de inferioridade

1. Quando se fala em perfeição humana, cogita-se de uma perfeição relativa e não absoluta, porque somente Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas. Se fosse dado à criatura humana ser tão perfeita quanto o Criador, ela tornar-se-ia igual a este, o que é obviamente inadmissível.

2. A perfeição humana consiste, segundo os ensinamentos de Jesus, em amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem, o que deixa claro que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla acepção, visto que implica a prática de todas as outras virtudes.

3. Evidentemente, segundo o Espiritismo, toda a virtude tem seu mérito próprio, porquanto indica progresso do indivíduo na senda do bem. Há virtude sempre que resistimos voluntariamente ao arrastamento ao mal e às más inclinações; contudo, a sublimidade da virtude é o sacrifício do interesse pessoal em benefício do próximo, sem nenhum pensamento oculto. A mais meritória é a que assenta na mais desinteressada caridade.

4. Reconhece-se a imperfeição espiritual por alguns sinais. O mais grave deles é o interesse pessoal. Aliás, o desinteresse real, verdadeiro, é algo tão raro na Terra que, quando se patenteia, todos o admiram como se fosse um fenômeno.

5. O apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade. E quanto mais se aferra aos bens deste mundo, tanto menos compreende o homem o seu destino. Com o desinteresse, ao contrário, ele demonstra que encara de um ponto mais elevado o futuro. É, no entanto, indispensável não confundir desinteresse com prodigalidade. Se o desinteresse é uma virtude, a prodigalidade irrefletida constitui sempre falta de juízo.

A paixão não é, em sua origem e em sua essência, um mal

6. Tornar-se um homem de bem é o primeiro passo para quem deseja alcançar a perfeição, tendo-se em vista que homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, amor e caridade na sua maior pureza e usa sempre de compreensão e de misericórdia para com o próximo.

7. O egoísmo, qual verme roedor, continua a ser um mal que se alastra por toda a parte e do qual cada pessoa é mais ou menos vítima. É preciso, pois, combatê-lo, como se combate uma enfermidade epidêmica.

8. Além de combater os vícios que porventura ainda presente, deve o Espírito imperfeito lutar também contra qualquer subjugação pelas paixões.

9. Nesse sentido, uma distinção entre vício e paixão torna-se aqui necessária. Vício é tudo o que é contrário à virtude, como o egoísmo, o orgulho, a vaidade, o exibicionismo, a ira, a maledicência, a hipocrisia, a avareza, o ciúme, a inveja, a preguiça, além dos hábitos que geram dependência física e psíquica.

10. A paixão não é, em sua origem e em sua essência, um mal, porquanto o princípio que lhe dá origem foi posto no homem para o bem e pode levá-lo à realização de grandes coisas. As paixões

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

são como um corcel, que só tem utilidade quando governado e que se torna perigoso quando passa a governar. O abuso delas é, por conseguinte, o que causa o mal.

A educação constitui a chave do progresso moral

11. As paixões são alavancas que decuplicam as forças do homem e o auxiliam na execução dos desígnios da Providência; mas o homem desavisado, em vez de as dirigir, permite que elas o dirijam e cai desse modo nos excessos, fato que pode esmagá-lo, porque se verifica então, em última análise, a exageração de uma necessidade ou de um sentimento.

12. Combatendo os vícios e não se deixando dominar pelas paixões, o indivíduo caminhará de modo firme em direção à perfeição, o que, evidentemente, não se realizará de um momento para outro.

13. Conhecidas as causas e identificado o mal a combater, o remédio se apresentará por si mesmo, cabendo a ele tão-somente destruí-lo, se não totalmente, ao menos parcialmente.

14. Poderá ser longo o processo, desde que numerosas sejam as causas, mas não infinito. A cura, no entanto, só se obterá se o mal for atacado em sua raiz, ou seja, pela educação, não por essa espécie de educação que se preocupa tão-somente em tornar os homens instruídos, mas pela que tende a fazê-los homens de bem.

15. A educação convenientemente entendida constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a arte de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam as plantas novas. Essa arte exige, porém, muito tato, muita experiência e profunda observação.

Questões propostas

1. Em que consiste a perfeição humana, segundo os ensinamentos de Jesus?

R. A perfeição humana consiste, segundo Jesus, em amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem, o que deixa claro que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla acepção, visto que implica a prática de todas as outras virtudes.

2. Qual é a virtude mais meritória?

R. Toda virtude tem seu mérito próprio, porquanto indica progresso do indivíduo na senda do bem, mas a mais meritória é a que assenta na mais desinteressada caridade.

3. Qual é, dos sinais característicos da imperfeição, o mais grave?

R. O mais grave desses sinais é o interesse pessoal. O apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade.

4. Há diferença entre vício e paixão?

R. Sim. Vício é tudo o que é contrário à virtude, como o egoísmo, o orgulho, a vaidade, o exibicionismo, a ira, a maledicência, a hipocrisia, a avareza, o ciúme, a inveja, a preguiça, além dos hábitos que geram dependência física e psíquica. A paixão não é, em sua origem e em sua essência, um mal, porquanto o princípio que lhe dá origem foi posto no homem para o bem. As paixões são como um corcel, que só tem utilidade quando governado e que se torna perigoso quando passa a governar. O abuso delas é, por conseguinte, o que causa o mal.

5. A educação pode exercer um papel importante no progresso moral do indivíduo?

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

R. Evidentemente. A educação convenientemente entendida constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a arte de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam as plantas novas.

Bibliografia.

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questões 893 a 896, 907, 908, 917 e 918.)

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (cap. XVII, itens 2, 3 e 8.)

Emmanuel, Religião dos Espíritos, (psicografia, Chico Xavier), (p. 124.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Nascer e Renascer – (momento Espírita)

01/09/2008
(Emmanuel)

I. Caracteres da perfeição

Diante da perfeição

Sede perfeitos como nosso Pai celestial.

Esta foi a advertência do Cristo aos nossos corações de aprendizes. Todavia, à maneira de quem contempla estrela longínqua, sabemos quão imensa é a distância que nos separa da meta. Impedimentos, compromissos e inibições caminham ainda em nosso íntimo, vindos do nosso ontem. Sob essa influência, asfixia-se, a cada momento de hoje, nosso anseio de movimentação para a luz. Por certo ainda nos situamos muito longe do justo aprimoramento que nos integrará na Excelência Divina.

Mas, é imperioso começar a grande romagem, oferecendo ao avanço as melhores forças de que dispomos. Ninguém lhe exige que seja de imediato o exemplo do amor que o Mestre nos legou. Mas você pode ser, desde agora, o cultor da compreensão e da gentileza dentro da própria casa. É inviável perder-lhe a renúncia integral aos bens que enriquecem seus dias terrestres. Entretanto, você pode doar, de improviso, a migalha do que sobra ao conforto doméstico.

Sem abrir mão de tudo, você certamente pode oferecer um pouco para auxiliar os companheiros necessitados. Não se espera que você desempenhe, ainda hoje, o papel de herói na praça pública. Mas está ao seu alcance calar, de imediato, a palavra maldosa que chicoteia seus semelhantes. Ninguém aguarda que você seja o remédio para todas as doenças. Todavia está ao seu alcance ser o enfermeiro diligente, balsamizando as úlceras dos enfermos relegados ao abandono.

Não há como lhe solicitar a realização de prodígios, em manifestações prematuras de fé. Contudo, você pode ser, sem delongas, o reconforto que ampare os que atravessam os maus momentos do caminho. Pensemos no exemplo da semente e aprendamos a começar. A planta ontem era simples promessa. Hoje ela é a garantia do pão que nos supre a mesa.

As maiores e as mais famosas viagens iniciam-se com um passo. Esforcemo-nos por fazer o melhor ao nosso alcance, desde agora. A perfeição será uma consequência natural dos primeiros esforços. Embora a jornada seja longa, é preciso iniciá-la em algum momento. Protestos de inferioridade, com o fim de protelar a marcha, são apenas desculpas.

Embora o autoconhecimento seja uma virtude, a falsa modéstia e a preguiça não o são. Somos herdeiros do Universo, em nossa qualidade de filhos de Deus. Todas as virtudes dos anjos dormem em nosso íntimo. Tesouros de luz e paz aguardam-nos no porvir. Mas é preciso que nos decidamos a conquistá-los. Como o Reino dos Céus não se toma de assalto, ele deve ser diligentemente construído no seio das criaturas. Para isso não servem arroubos de misticismo.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

É preciso esforço concentrado no bem, mediante o abandono de velhos hábitos e a conquista de virtudes.

Mesmo que tal tarefa inglória, a princípio, seu resultado invariavelmente aparece.

O que o ser humano não pode é, por considerar muito longo o caminho para o pai, recusar-se a dar os primeiros passos.

Jesus afirmou que nenhuma das ovelhas que Deus lhe confiou se perderia.

Consequentemente, deixar de realizar a jornada não é uma opção.

Resta a cada qual decidir como o fará: se com boa vontade ou premido por chamados cada vez mais firmes e diretos.

Pense nisso.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

2. O homem de bem

3. O verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Se ele interroga a consciência sobre seus próprios atos, a si mesmo perguntará se violou essa lei, se não praticou o mal, se fez todo o bem que podia, se desprezou voluntariamente alguma ocasião de ser útil, se ninguém, tem qualquer queixa dele; enfim, se fez a outrem tudo o que desejara lhe fizessem.

Deposita fé em Deus, na sua bondade, na sua justiça e na sua sabedoria.

Sabe que sem a sua permissão nada acontece e se lhe submete à vontade em todas as coisas.

Tem fé no futuro, razão por que coloca os bens espirituais acima dos bens temporais.

Sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções são provas ou expiações e as aceita sem murmurar.

Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar paga alguma; retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte e sacrifica sempre seus interesses à justiça.

Encontra satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, no fazer ditosos os outros, nas lágrimas que enxuga, nas consolações que prodigaliza aos aflitos. Seu primeiro impulso é para pensar nos outros, antes de pensar em si, é para cuidar dos interesses dos outros antes do seu próprio interesse. O egoísta, ao contrário, calcula os proventos e as perdas decorrentes de toda ação generosa.

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças, nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus.

Respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança anátema aos que como ele não pensam.

Em todas as circunstâncias, toma por guia a caridade, tendo como certo que aquele que prejudica a outrem com palavras malévolas, que fere com o seu orgulho e o seu desprezo a suscetibilidade de alguém, que não recua à ideia de causar um sofrimento, uma contrariedade, ainda que ligeira, quando a pode evitar, falta ao dever de amar o próximo e não merece a clemência do Senhor.

Não alimenta ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas e só dos benefícios se lembra, por saber que perdoado lhe será conforme houver perdoado.

É indulgente para as fraquezas alheias, porque sabe que também necessita de indulgência e tem presente esta sentença do Cristo: "Atire-lhe a primeira pedra aquele que se achar sem pecado."

Nunca se compraz em rebuscar os defeitos alheios, nem, ainda, em evidenciá-los. Se a isso se vê obrigado, procura sempre o bem que possa atenuar o mal.

Estuda suas próprias imperfeições e trabalha incessantemente em combatê-las. Todos os esforços emprega para poder dizer, no dia seguinte, que alguma coisa traz em si de melhor do que na véspera.

Não procura dar valor ao seu espírito, nem aos seus talentos, a expensas de outrem; aproveita, ao revés, todas as ocasiões para fazer ressaltar o que seja proveitoso aos outros.

Não se envaidece da sua riqueza, nem de suas vantagens pessoais, por saber que tudo o que lhe foi dado pode ser-lhe tirado.

Usa, mas não abusa dos bens que lhe são concedidos, sabe que é um depósito de que terá de prestar contas e que o mais prejudicial emprego que lhe pode dar é o de aplicá-lo à satisfação de suas paixões.

Se a ordem social colocou sob o seu mando outros homens, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus; usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para os esmagar com o seu orgulho. Evita tudo quanto lhes possa tornar mais penosa a posição subalterna em que se encontram.

O subordinado, de sua parte, compreende os deveres da posição que ocupa e se empenha em cumpri-los conscienciosamente.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

(Cap. XVII, item 9.)

Finalmente, o homem de bem respeita todos os direitos que aos seus semelhantes dão as Leis da Natureza, como quer que sejam respeitados os seus.

Não ficam assim enumeradas todas as qualidades que distinguem o homem de bem; mas aquele que se esforce por possuir as que acabamos de mencionar, no caminho se acha que a todas as demais conduz.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Editorial

Nº 320 – 14/07/2013

O Consolador

II. O homem de bem

Ser um homem de bem é nossa meta

A doutrina espírita é muito clara quando nos mostra qual é o objetivo da passagem dos Espíritos pela experiência encarnatória.

A encarnação é essencial ao progresso espiritual do mundo e daqueles que nele habitam, pelas oportunidades que oferece, pelos desafios que apresenta, pelas dificuldades que coloca no caminho de seres como nós, destinados à perfeição.

A reencarnação, ou seja, a volta do Espírito a uma nova encarnação, nada mais é que a sequência desse processo, visto que uma única existência na carne seria, como ninguém ignora, insuficiente para que a meta que anelamos seja afinal alcançada.

Tornar-se um homem de bem é essa meta.

Que é um homem de bem?

O homem de bem é, conforme palavras de Allan Kardec, aquele que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza.

Tem fé em Deus e no futuro.

Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar paga alguma.

Retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte, e sacrifica sempre seus interesses à justiça.

Seu primeiro impulso é pensar nos outros, antes de pensar em si.

É bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de nenhuma espécie, porque vê em todos os homens irmãos seus.

Respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança anátema aos que não pensam como ele.

Em todas as circunstâncias, toma por guia a caridade.

Não alimenta ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas e só dos benefícios se lembra, por saber que perdoado lhe será conforme houver perdoado.

É indulgente para com as fraquezas alheias, porque sabe que também necessita de indulgência.

Nunca se compraz em rebuscar os defeitos alheios, nem, ainda, em evidenciá-los. Estuda suas próprias imperfeições e trabalha incessantemente em combatê-las. Não se envaidece da sua riqueza, nem de suas vantagens pessoais, por saber que tudo o que lhe foi dado pode ser-lhe tirado.

Usa os bens que lhe são concedidos, mas deles não abusa, porque sabe que constituem eles um depósito de que terá de prestar contas e que o mais prejudicial emprego que lhe pode dar é o de aplicá-lo na satisfação de suas paixões.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Se a ordem social colocou sob o seu mando outros homens, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus.

Aí estão algumas das virtudes que caracterizam o homem de bem. Certamente que existem outras, mas – como observou Kardec – quem possui as que foram mencionadas está no caminho que leva às demais.

Em face do que acima dissemos, apresenta-se uma questão intrigante: Por que muitos espíritas não conseguem aplicar a si mesmos lições tão claras, como a que foi exposta?

No cap. XVII, item 4, d'O Evangelho segundo Espiritismo, Allan Kardec esboçou uma resposta para essa questão.

Segundo ele, o motivo disso é que em muitos espíritas ainda são muito tenazes os laços da matéria para permitir que o Espírito se desprenda das coisas da Terra.

A névoa que os envolve tira-lhes a visão do infinito, de onde decorre a dificuldade de romper com seus pendores e com seus hábitos, não percebendo que possa existir alguma coisa melhor do que aquilo de que são dotados.

Têm eles a crença nos Espíritos como um simples fato, mas que nada ou bem pouco lhes modifica as tendências instintivas.

Em resumo: não divisam mais do que um raio de luz, insuficiente a guiá-los e a lhes facultar uma vigorosa aspiração, capaz de lhes sobrepujar as inclinações.

Espíritas ainda imperfeitos, alguns ficam a meio caminho ou se afastam de seus irmãos em crença, porque recuam ante a obrigação de se reformarem ou guardam suas simpatias apenas para os que lhes compartilham das fraquezas ou prevenções.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

II. O homem de bem

Nº 390 – 23/11/2014

O Consolador – (Marcus Vinícius de Azevedo Braga)

A semente do homem de bem

Certa feita, em uma reunião de início de ano de um trabalho assistencial que contava com quase trinta anos, determinado dirigente, que labuta desde o início naquela seara, comentou em tom avaliativo que o trabalho de evangelização infantil rendera frutos naquele longo período, pois entre outros sinais, verificava-se que os meninos que frequentavam aquela casa espírita, incrustada em uma comunidade carente, repleto de tensões e pressões, não tinham bandeando para o caminho da criminalidade.

Difícil avaliarmos os frutos dos trabalhos espíritas nas plagas assistenciais, com pessoas que se abeiram ali muitas vezes à busca apenas da cesta básica que será pega em outra denominação no dia seguinte.

Difícil, pois temos carência de material didático voltado a pessoas de baixa escolaridade e de produção literária que nos ampare a lidar com famílias em condições de vulnerabilidade, às vezes refletidas em desagregações familiares com o alcoolismo e outros problemas comuns a comunidades carentes, em especial na cidade do Rio de Janeiro, e suas mazelas já conhecidas.

Ainda que muito frequente na prática, os trabalhos assistenciais não gozam de uma discussão robusta e de produção que os permitam avançar sobre os paradigmas vigentes, com raras e valorosas colaborações que surgem por aí. Essa falta de discussão, por vezes, nos leva ao desânimo e à valorização do “bem quantitativo”, refletido na soma de benefícios distribuídos, de forma descontextualizada, social e espiritualmente.

A evangelização infantil, comum em trabalhos de natureza assistencial, necessita de uma discussão profunda sobre currículo, pressupostos, abordagens e visões pedagógicas que percebam ali, em sala de aula, Espíritos, em verdade imersos em um ambiente de carência material, mas Espíritos sequiosos de conhecimento que os console, liberte e ampare.

Nesse contexto, temos, sim, objetivos programáticos de melhoria a um longuíssimo prazo daquele grupo humano, ainda que nos vejamos, ocasionalmente, frustrados pelas forças presentes na capacidade de perpetuação de hábitos tristes, como a gravidez precoce, constantes a cada geração, em um ciclo de difícil rompimento. Mas a feliz fala desse amigo dirigente nos aponta para interessantes indicadores de nossos trabalhos espíritas no campo da infância, na percepção da importância de plantarmos as sementes do homem de bem, em qualquer espaço, seja ele carente ou não no campo material. E o homem de bem se fará percebido no futuro!

Jesus na parábola do semeador fala que um homem saiu a semear, a espalhar sementes por diversos terrenos, que, diante das diversidades, buscavam crescer. Todas falharam, mas a que “caiu em boa terra, deu boa colheita, a cem, sessenta e trinta por um”, indicando-nos uma profunda reflexão que pode nos servir ao direcionamento das finalidades de nossos trabalhos assistenciais. Uma reflexão do nosso papel de semeadores e do crescimento no ato de semear.

Amparamos aquelas famílias materialmente pela bolsa, pelo material escolar, pelas roupas... Buscamos instrumentalizá-las a caminhar sozinhas pelas oficinas, que possam com dignidade permitir a elas ganhar algum dinheirinho. Apoiamos as suas iniciativas no campo escolar, pretendendo que a nova geração transcenda a miséria material da anterior. As abordagens assistenciais clássicas aqui estampadas cuidam do emergencial, da impossibilidade de se falar de Jesus para quem tem fome, mas necessitam de um complemento, de um pão mais sublime, que

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

emancipe espiritualmente aquelas pessoas, na reflexão de sua condição de Espíritos encarnados, na chamada resignação produtiva, que converte dor em amor.

Insta desenvolver, com igual força, as nossas atividades doutrinárias nos trabalhos assistenciais, a evangelização, a palestra, o estudo, que para além de um caráter proselitista e catequizador, visem, por meio dessa interação, diria “filosófica”, trabalhar valores morais, pela ótica da imortalidade da alma e da reencarnação, levando aos chamados, erroneamente a meu ver de assistidos, uma reflexão que os permitam adotar disposições renovadas, diante das provas da carência material e dos desafios morais da vida encarnada.

A atividade de discussão, de interação intelectual moral na área assistencial, tem um caráter emancipador, que liberta aqueles Espíritos de armadilhas morais, indicando o caminho do estudo, do trabalho e do esforço na superação de suas dificuldades e apontando que a dor é uma mola para despertar o nosso amor.

E nessa construção, nós, ditos trabalhadores, amadurecemos, pois a falação bonita e vazia não encontra eco diante dessas dores, nos fazendo amadurecer na vivência do Cristo.

A parte boa do trabalho atinge a todos os atores, como oportunidade bendita de amadurecimento e reflexão, representando muito mais do que ir lá ensinar o evangelho para as pessoas pobres. O pão material que dá o peixe, a oficina que dá a vara e ensina a pescar são polos fundamentais da equação da assistência.

Entretanto, a discussão doutrinária, o fortalecimento filosófico, lastreado pelos pilares da doutrina espírita, traz a reflexão que faz a pessoa entender o peixe, a vara, o rio e os seus braços, convertendo todos em pescadores de almas, como disse Jesus. Não queremos fazer daquelas pessoas espíritas no sentido de que elas leiam avidamente as obras básicas e tenham um conhecimento formal. Necessitamos de uma abordagem pedagógica que mostre esse conhecimento espírita na prática, no mundo concreto, sentido, como forma de espalhar as sementes em cada coração, tornando-os sim, eles e nós, pessoas melhores, fim maior.

Essa abordagem robustece a bolsa e a oficina, contribuindo para um caráter consolador, diante da dor, é verdade, mas também de superação, fazendo que a pessoa venha à busca do alimento e saia com a sua alma revigorada, com novos horizontes. Para isso, precisamos nos adaptar. Nossas palestras, nossos estudos, nossos currículos, para que vejam nesse contexto a melhor forma de passar o Espiritismo e todo seu valor transformador de atitudes, em sua expressão mais simples, nesses trabalhos, em especial na infância.

A reencarnação liberta, pois mostra a nossa situação como transitória e que pode mudar pelo esforço cotidiano, na busca de construir o homem de bem naquele espírito imortal que hoje enverga uma roupagem de carência. O livre-arbítrio, a prática de bem são valores espíritas que possibilitam construir uma vida melhor, em um sentido amplo. Tesouros morais que podem e devem colaborar na superação de situações de carência material, fortalecendo aqueles Espíritos na sua prova, buscando a senda do bem.

Fica a reflexão para os que trabalham na seara espírita na evangelização de crianças que padecem de miséria material e que por esta são influenciadas, sim, no aspecto moral, podendo essa dor servir de trampolim que as impulsione ou de buraco que as afunde. Para além do peixe que mata a fome, demandamos ouvir o convite de Jesus no chamado milagre dos peixes, para falar de pães e peixes que se multiplicam e aplacam a fome do espírito.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

3. Os bons espíritas

4. Bem compreendido, mas sobretudo bem sentido, o Espiritismo leva aos resultados acima expostos, que caracterizam o verdadeiro espírita, como o cristão verdadeiro, pois que um o mesmo é que outro. O Espiritismo não institui nenhuma nova moral; apenas facilita aos homens a inteligência e a prática da do Cristo, facultando fé inabalável e esclarecida aos que duvidam ou vacilam.

Muitos, entretanto, dos que acreditam nos fatos das manifestações não lhes apreendem as consequências, nem o alcance moral, ou, se os apreendem, não os aplicam a si mesmos. A que atribuir isso? A alguma falta de clareza da Doutrina? Não, pois que ela não contém alegorias nem figuras que possam dar lugar a falsas interpretações. A clareza é da sua essência mesma e é donde lhe vem toda a força, porque a faz ir direito à inteligência. Nada tem de misteriosa e seus iniciados não se acham de posse de qualquer segredo, oculto ao vulgo.

Será então necessária, para compreendê-la, uma inteligência fora do comum? Não, tanto que há homens de notória capacidade que não a compreendem, ao passo que inteligências vulgares, moços mesmo, apenas saídos da adolescência, lhe apreendem, com admirável precisão, os mais delicados matizes. Provém isso de que a parte por assim dizer material da ciência somente requer olhos que observam, enquanto a parte essencial exige um certo grau de sensibilidade, a que se pode chamar maturidade do senso moral, maturidade que independe da idade e do grau de instrução, porque é peculiar ao desenvolvimento, em sentido especial, do Espírito encarnado.

Nalguns ainda muito tenazes são os laços da matéria para permitirem que o Espírito se desprenda das coisas da Terra; a névoa que os envolve tira-lhes a visão do infinito, donde resulta não romperem facilmente com os seus pendores, nem com seus hábitos, não percebendo haja qualquer coisa melhor do que aquilo de que são dotados. Têm a crença nos Espíritos como um simples fato, mas que nada ou bem pouco lhes modifica as tendências instintivas. Numa palavra: não divisam mais do que um raio de luz, insuficiente a guiá-los e a lhes facultar uma vigorosa aspiração, capaz de lhes sobrepujar as inclinações. Atêm-se mais aos fenômenos do que à moral, que se lhes afigura cediça e monótona. Pedem aos Espíritos que incessantemente os iniciem em novos mistérios, sem procurar saber se já se tornaram dignos de penetrar os arcanos do Criador. Esses são os espíritas imperfeitos, alguns dos quais ficam a meio caminho ou se afastam de seus irmãos em crença, porque recuam ante a obrigação de se reformarem, ou então guardam as suas simpatias para os que lhes compartilham das fraquezas ou das prevenções.

Contudo, a aceitação do princípio da doutrina é um primeiro passo que lhes tornará mais fácil o segundo, noutra existência.

Aquele que pode ser, com razão, qualificado de espírita verdadeiro e sincero, se acha em grau superior de adiantamento moral. O Espírito, que nele domina de modo mais completo a matéria, dá-lhe uma percepção mais clara do futuro; os princípios da Doutrina lhe fazem vibrar fibras que nos outros se conservam inertes. Em suma: é tocado no coração, pelo que inabalável se lhe torna a fé. Um é qual músico que alguns acordes bastam para comover, ao passo que outro apenas ouve sons. Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más. Enquanto um se contenta com o seu horizonte limitado, outro, que apreende alguma coisa de melhor, se esforça por desligar-se dele e sempre o consegue, se tem firme a vontade.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

Nº 443 – 06/12/2015

O Consolador – (Marcos Paulo de Oliveira Santos)

Os bons espíritas

III. Os bons espíritas

Na obra de Kardec, O Evangelho segundo o Espiritismo, encontramos no capítulo XVII, denominada:

“Sede Perfeitos”, a preciosa lição: “Os bons espíritas”.

Trata-se de uma exortação aos caracteres do verdadeiro espírita. Dizem-nos os imortais: “Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más” (Obra citada, p. 276).

Trecho precioso este dos numes da Codificação, pois, em verdade, a proposta precípua da Doutrina Espírita é a transformação moral do indivíduo, que implica no conhecimento de si mesmo.

Ora, quando o indivíduo está calcado numa consciência profunda, ou seja, quando de fato conhece a si mesmo, ele pode discernir com maior confiança as suas virtudes e os seus defeitos. As primeiras, ele potencializa por meio de suas ações no bem junto aos familiares, amigos, colegas de profissão, enfim, no bojo social. Quanto aos defeitos, ele é capaz de elencá-los e criar uma proposta ou metodologia para a sua corrigenda. Cômico de que, certamente, não eliminará todos os defeitos numa só existência.

Conhecer a si mesmo não é uma tarefa simples. Requer experiência nas múltiplas situações da vida; exige-se maturidade. Somente somos capazes de entender os nossos sentimentos (bons ou maus) quando estamos imersos numa situação, como se diz popularmente, no olho do furacão. Do contrário, tudo é teoria.

O Espiritismo trouxe os ensinamentos do Mestre Jesus numa linguagem compreensível; fácil; clara. Propicia aos seus estudiosos uma fé inabalável!

É comum se afirmar que a “carne é fraca” e por este motivo o erro seria inevitável. Mas é imperioso se ampliar a lente e considerar que o condutor ou o senhor da matéria é o Espírito. Na condição de encarnado as potencialidades do Espírito são abafados, todavia, na consciência está inscrita a lei divina, logo, não há justificativa para culpar a matéria quando na verdade a ação ou intenção é do Espírito.

Cientes da ontologia humana, os Espíritos disseram que aquele que se esforça para domar suas inclinações más, pode ser rotulado de Espírita.

O verdadeiro espírita cristão não violenta consciências; é indulgente para com as imperfeições alheias e severo para consigo mesmo; compreende que a prática da caridade se dá em todas as instâncias (de nada adianta ser bonzinho no interior do Centro Espírita e um tirano doméstico); não é maledicente; não compactua com o erro; não julga as imperfeições alheias; não é invejoso; não é egoísta; é, em síntese, um lídimo trabalhador do bem. Porque, ao praticar o bem, ele apara as próprias anfractuosidades, tornando-se melhor a cada dia.

Referência:

KARDEC Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

Nº 95 – 22/02/2009

O Consolador – (Thiago Bernardes)

III. Os bons espíritas

Afeição que os Espíritos votam a certas pessoas

Os bons Espíritos simpatizam com as pessoas de bem

1. Os Espíritos devotam afeição aos encarnados de acordo com as afinidades que entre eles existam. Assim, os bons Espíritos simpatizam com as pessoas de bem ou suscetíveis de se melhorarem. Os Espíritos inferiores afinizam-se com as criaturas viciosas ou que podem tornar-se tais. Daí se derivam as afeições, que nada mais são que consequências da conformidade dos sentimentos.
2. O ser humano tem, pois, no Mundo Espiritual, amigos que podem perfeitamente interceder por sua felicidade, a fim de assegurar-lhe a estabilidade de que necessita para lutar e servir, amar e vencer, apesar do assédio dos desencarnados que lhe foram comparsas em dramas do passado.
3. São eles – esses amigos de Mais Alto – que acordam a esperança e restauram o bom ânimo nos indivíduos que se veem a braços com as investidas provenientes do plano espiritual.
4. Os Espíritos Superiores nutrem sentimentos elevados para com encarnados e desencarnados. Essas ligações afetivas nada têm que se assemelhe às afeições carnis. Isso, porém, nem sempre se dá com os Espíritos inferiores.
5. Embora a verdadeira afeição nada tenha de carnal, pode ocorrer que um Espírito, quando se apega a uma pessoa, nem sempre o faça só por afeição. À estima que essa pessoa lhe inspira pode agregar-se, também, uma reminiscência das paixões humanas.

Os Benfeitores espirituais ficam felizes com a nossa felicidade

6. Os bons Espíritos se preocupam com os nossos males, do mesmo jeito que compartilham as nossas alegrias. Procurando fazer-nos todo o bem que lhes seja possível, é natural que se sintam ditos com a nossa felicidade e os nossos momentos de alegria.
7. No tocante aos males que nos possam atingir, é preciso lembrar que eles se dividem em físicos e morais.
8. Sabendo ser transitória a existência corporal e que as tribulações a ela inerentes constituem meios de alcançarmos uma situação melhor, os bons Espíritos se afligem mais com os males que tenham origem em causas de ordem moral do que com os nossos sofrimentos físicos, todos passageiros.
9. Assim, eles pouco se incomodam com as desgraças que atingem as nossas ideias e preocupações mundanas, do mesmo modo como, aliás, agimos com relação às mágoas pueris das crianças.
10. Vendo nas amarguras da vida um meio de nos adiantarmos, eles as consideram como uma crise ocasional de que resultará a salvação do doente. Compadecem-se dos nossos sofrimentos, como nos compadecemos dos sofrimentos de um amigo. Entretanto, enxergando as coisas de um ponto de vista mais justo, apreciam-nos de um modo diverso do nosso.

O nosso egoísmo e a dureza do nosso coração preocupam os bons Espíritos

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

11. Em casos assim, os bons Espíritos procuram levantar-nos o ânimo no interesse do nosso futuro, enquanto os Espíritos inferiores, com o objetivo de comprometer-nos, nos impelem ao desespero.

12. À vista dos ensinamentos espíritas, podemos deduzir assim as seguintes conclusões em torno do assunto examinado:

– Os bons Espíritos se afligem quando nós, diante de um mal qualquer, não sabemos suportá-lo com resignação; os inferiores, no entanto, se rejubilam com a nossa postura negativa.

– Os males morais que mais preocupam os Benfeitores Espirituais são o nosso egoísmo e a dureza dos nossos corações, do que, ensina o Espiritismo, decorre tudo o mais. Nossos adversários desencarnados e os maus Espíritos, porém, adoram tal comportamento.

– Os bons Espíritos se riem de todos os males imaginários que nascem do nosso orgulho e da nossa ambição. Os inferiores, contudo, valem-se deles para, se for possível, afundar-nos mais ainda no fosso da amargura.

– Os Benfeitores Espirituais se rejubilam com os males e os sofrimentos que redundam na abreviação do tempo de nossas provas. Os infelizes não gostam nada disso e buscam, quando a ocasião se apresente, obter exatamente o resultado contrário.

Questões propostas

1. Os Espíritos costumam nutrir afeição pelos encarnados?

R.: Sim. Os Espíritos devotam afeição pelos encarnados de acordo com as afinidades que entre eles existam. Os bons Espíritos simpatizam com as pessoas de bem ou suscetíveis de se melhorarem. Os Espíritos inferiores afinizam-se com as criaturas viciosas ou que podem tornar-se tais. Disso se derivam as afeições, que nada mais são que consequências da conformidade dos sentimentos.

2. A afeição que um Espírito sente por alguém pode ter alguma coisa de carnal?

R.: Depende. Embora a verdadeira afeição nada tenha de carnal, pode ocorrer que um Espírito, quando se apega a uma pessoa, nem sempre o faça só por afeição. À estima que essa pessoa lhe inspira pode agregar-se, também, uma reminiscência das paixões humanas.

3. Os bons Espíritos se preocupam com os males que nos atingem na existência corporal?

R.: Sim. Os bons Espíritos preocupam-se com os nossos males, do mesmo jeito que compartilham as nossas alegrias.

4. Diante de um mal que nos tenha acometido, qual é a postura dos Benfeitores espirituais?

R.: Vendo nas amarguras da vida um meio de nos adiantarmos, eles as consideram como uma crise ocasional de que resultará a salvação do doente. Compadecem-se dos nossos sofrimentos, como nos compadecemos dos sofrimentos de um amigo, mas apreciam-nos de um modo diverso do nosso. Em casos assim, procuram levantar-nos o ânimo no interesse do nosso futuro, enquanto os Espíritos inferiores, com o objetivo de comprometer-nos, nos impelem ao desespero.

5. Dos males que nos possam atingir, quais os que mais preocupam os bons Espíritos?

R.: Eles se afligem mais com os males que tenham origem em causas de ordem moral do que com os nossos sofrimentos físicos, que são, como sabemos, passageiros.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questões 484 a 487.)

Peralva Martins, O Pensamento de Emmanuel, (p. 150.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

4. Parábola do Semeador

5. Naquele mesmo dia, tendo saído de casa, Jesus sentou-se à borda do mar; em torno dele logo reuniu-se grande multidão; pelo que entrou numa barca, onde sentou-se, permanecendo na margem todo o povo. Disse então muitas coisas por parábolas, falando-lhes assim:

“Aquele que semeia saiu a semear; e, semeando, uma parte da semente caiu ao longo do caminho e os pássaros do céu vieram e a comeram. Outra parte caiu em lugares pedregosos onde não havia muita terra; as sementes logo brotaram, porque carecia de profundidade a terra onde haviam caído. Mas, levantando-se, o Sol as queimou e, como não tinham raízes, secaram. Outra parte caiu entre espinheiros e estes, crescendo, as abafaram. Outra, finalmente, caiu em terra boa e produziu frutos, dando algumas sementes cem por um, outras sessenta e outras trinta. Ouça quem tem ouvidos de ouvir.”

(Mateus, 13:1 a 9.)

“Escutai, pois, vós outros a parábola do semeador. Quem quer que escuta a palavra do Reino e não lhe dá atenção, vem o espírito maligno e tira o que lhe fora semeado no coração. Esse é o que recebeu a semente ao longo do caminho. Aquele que recebe a semente em meio das pedras é o que escuta a palavra e que a recebe com alegria no primeiro momento. Mas não tendo nele raízes, dura apenas algum tempo. Sobrevindo reveses e perseguições por causa da palavra, tira ele daí motivo de escândalo e de queda. Aquele que recebe a semente entre espinheiros é o que ouve a palavra; mas em quem, logo, os cuidados deste século e a ilusão das riquezas abafam aquela palavra e a tornam infrutífera. Aquele, porém, que recebe a semente em boa terra é o que escuta a palavra, que lhe presta atenção e em quem ela produz frutos, dando cem ou sessenta, ou trinta por um.”

(Mateus, 13:18 a 23.)

6. A Parábola do Semeador exprime perfeitamente os matizes existentes na maneira de serem utilizados os ensinamentos do Evangelho. Quantas pessoas há, com efeito, para as quais não passa ele de letra morta e que, como a semente caída sobre pedregulhos, nenhum fruto dá!

Não menos justa aplicação encontra ela nas diferentes categorias espíritas.

Não se acham simbolizados nela os que apenas atentam nos fenômenos materiais e nenhuma consequência tiram deles, porque neles mais não veem do que fatos curiosos? Os que apenas se preocupam com o lado brilhante das comunicações dos Espíritos, pelas quais só se interessam quando lhes satisfazem à imaginação, e que, depois de as terem ouvido, se conservam tão frios e indiferentes quanto eram? Os que reconhecem muito bons os conselhos e os admiram, mas para serem aplicados aos outros e não a si próprios? Aqueles, finalmente, para os quais essas instruções são como a semente que cai em terra boa e dá frutos?

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Crônicas e Artigos

Nº 385 – 19/10/2014

O Consolador – (Almir Del Prette)

IV. Parábola do Semeador

A Parábola do Semeador

A parábola do Semeador é autoexplicativa sendo, por isso, considerada a mais simples e a mais direta das mensagens de Jesus. Essa mensagem de Jesus aparece nos três evangelhos sinóticos, a saber:

(Mateus, 13: 1-9), (Marcos Mc, 4: 3-9) e (Lucas, 8: 4-8).

Aparece, ainda, conforme a Wikipédia, no evangelho apócrifo de Tomé. Não é objetivo desta análise comparar possíveis semelhanças e diferenças dos textos atribuídos aos três evangelistas. A escolha de reproduzir aqui a narrativa de Mateus deve-se ao fato de que este evangelista contextualiza o evento relatado e apresenta detalhes que podem ajudar o leitor na compreensão da parábola.

“Naquele dia saindo Jesus de casa, sentou-se junto ao mar; chegaram-se a ele grandes multidões, de modo que entrou numa barca e se sentou; e todo o povo ficou em pé na praia. Muitas coisas lhes falou em parábolas, dizendo: O semeador saiu a semear. Quando semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho, e vieram as aves e comeram-na. Outra parte caiu nos lugares pedregosos, onde não havia muita terra; logo nasceu, porque a terra não era profunda e, tendo saído o sol, queimou-se; e porque não tinha raiz, secou-se. Outra caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e a sufocaram. Outra caiu na boa terra e dava fruto, havendo grãos que rendiam cem, outros sessenta e outros trinta por um. Quem tem ouvidos, ouça.”

(Mateus, 13:1-9)

Ao contar a parábola Jesus chama a atenção de seus ouvintes. Esse chamado de atenção aparece em outras narrativas. Trata-se da locução: “Quem tem ouvidos, ouça”. Por que esse evocativo às vezes usado no início e no final, ou apenas no início, ou ainda somente no final da narrativa? Evidente que não é dirigido ao deficiente auditivo. Então seria uma redundância? Essa evocação indica que é necessário permanecer atento e refletir além do registro das palavras que o conduto auditivo reproduz ou, no caso da leitura, buscar o espírito da letra, como indicou Paulo, afirmando que “a letra mata, mas o espírito vivifica”

(2 Cor 3, 6).

Procurando realizar tal exercício entendemos importante identificar alguns aspectos que dão movimento à parábola:

- (a) quem é o semeador?
- (b) o que o semeador semeia?
- (c) em quais glebas as sementes são semeadas?
- (d) qual a produção de cada gleba?

A presente análise não descarta outras interpretações. Entretanto o semeador pode ser entendido como todo e qualquer indivíduo que entra em contato com a boa nova. Impossível tomar conhecimento (“ouvir”) de uma boa nova e não passá-la adiante, mesmo em se tratando de eventos mezinhos como, por exemplo, alguém falar ao telefone: “Fulano disse que ontem choveu bastante em...”. Aquele que semeia tem uma tarefa que para realizá-la proficuamente precisa ser também gleba. Recebe de outrem e semeia adiante.

Quem está de posse da boa nova, pretende difundi-la e, na maioria das vezes, não seleciona seu ouvinte.

As diferentes pessoas (glebas) que recebem a semente (boa nova) têm diferentes condições de preparo (sensibilidade evolutiva) e, por isso, respondem de maneira diversa a essa semeadura.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

A parábola traz informações explícitas sobre as características das glebas que receberam as sementes, podendo-se identificar, grosso modo, três tipos de respostas por parte delas: (a) negativa; (b) pseudo-positiva; (c) positiva. Na negativa, a semente (boa nova) é negligenciada pela pessoa, embora aproveitada por outros. Esse caso pode ser ilustrado por aqueles que falam da boa nova, mas que não se esforçam em aplicá-la em suas vidas. Na pseudo-positiva, aparentemente a boa nova foi aceita, chegando mesmo a germinar, porém diante das primeiras dificuldades fenecem. Ilustram essa classe as pessoas que não se aplicam suficientemente na boa nova recebida, descuidando quanto à reflexão e ao aprofundamento.

Na positiva, a resposta se diferencia de grupos para grupos. Há os que se dedicam de maneira exemplar e obtêm resultados extraordinários. Há, também, os que são apenas esforçados e conseguem bons resultados, mas abaixo dos primeiros. Finalmente, outros com menor dedicação alcançam colheita meramente mediana. Trata-se daqueles que recebem a boa nova de maneira casual, quase burocrática e caminham lentamente na estrada evolutiva. Como se vê, a colheita depende não apenas do semeador, mas, sobretudo, da destinação dada à semente.

Colaborou na redação deste artigo: (Zilda A. P. Del Prette), (UFSCar, de São Carlos – SP.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Crônicas e Artigos

Nº 168 – 25/07/2010

O Consolador – (Leda Maria Flaborea)

IV. Parábola do Semeador

Semeaduras e colheitas

A sementeira é livre, mas a colheita é compulsória.

“Ao que tem, se lhe dará, e terá em abundância, mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.

Essa frase de Jesus aparece em vários momentos no Novo Testamento, mas tem destaque nas Parábolas do Semeador, dos Talentos (Mateus) ou das Minas (Lucas) e do Joio; e nos ensinamentos “Buscai e achareis”, “Ajuda-te e o Céu te ajudará”. Mas é, sobretudo, nas três parábolas que encontramos o chamado que o Mestre faz para o entendimento do livre-arbítrio e do seu uso. E dentre elas nosso destaque é a Parábola do Semeador.

Assim, vamos lembrar de uma passagem na qual o Sublime Benfeitor falava com o povo quando sua mãe e seus irmãos chegaram, procurando-O, e alguém Lhe disse: “Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar-te”. E Ele respondeu a quem Lhe trouxe o aviso: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?”

E estendendo a mão para os discípulos disse: “Eis minha mãe e meus irmãos, porque qualquer um que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe”. Jesus estabelece naquele momento o parentesco divino entre todos, e destaca a necessidade de escolhermos o bem, o amor e a verdade para estarmos em harmonia com Deus e com os ensinamentos que derrama sobre nós.

Naquele mesmo dia, saindo de casa, sentou-se à beira do mar e grande multidão reuniu-se perto dele. Por causa disso, entrou em um barco, acomodou-se e falou a eles muitas coisas por parábolas, e dizia:

“Eis que um homem saiu a semear.”

O Mestre descreve o que vai acontecendo com as sementes que, na verdade, são elementos figurativos que bem representam a forma como a Palavra Divina chega ao entendimento dos homens:

- a) Jogadas à beira do caminho, as aves as comem;
- b) Atiradas nas pedras, até brotam, mas, como não têm raízes firmes, morrem;
- c) Lançadas no meio dos espinhos, eles se encarregam de sufocar o crescimento, mesmo que germinem;
- d) Mas, jogadas em terra fértil, brotam fortes, desenvolvem-se, dão flores, frutos e cada fruto produz mais 30, 60 ou 100.

No livro Parábolas e Ensinos de Jesus, Cairbar Schutel refere-se à Parábola do Semeador, como a parábola das parábolas, porque sintetiza os caracteres predominantes em todas as almas e, ao mesmo tempo, ensina a distingui-las pela boa ou má vontade com que recebem as boas novas espirituais. Dessa forma, temos as almas que são “beiras de caminho”, ou seja, onde passam todas as ideias grandiosas, como pessoas nas estradas, sem gravarem nenhuma delas. São as pedras impenetráveis às novas ideias, são os espinhos que sufocam as verdades, como as plantas que não permitem o crescimento do que quer que seja ao seu redor. São homens e terras improdutivas.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Mas também temos, ao lado dessas almas, aquelas de boa vontade, que recebem a palavra de Deus e a colocam em prática. Terra fértil que acolhe a semente bendita da qual resulta boa produção.

No momento evolutivo que vivemos, temos todas essas características em nós mesmos. Qualidades que já podem produzir bons frutos, mas também dificuldades que não permitem a germinação da boa semente.

Como todo esse processo evolutivo é longo e demorado, exige de cada um de nós o exercício da paciência, da perseverança e da coragem para lutar contra as próprias dificuldades, em acertos e erros contínuos, até que aprendamos a escolher somente o bem.

Entendemos que a “semente” é a palavra de Deus, mas seu aproveitamento não é uniforme, em razão da variedade de seres que habitam o planeta. Dessa forma temos uns mais propensos ao bem, à caridade e à fraternidade, e outros mais inclinados ao mal, ao egoísmo e ao orgulho. Uns mais atentos às coisas do Céu e outros mais apegados aos bens da Terra, ao transitório e fugaz. Portanto, segundo Jesus, a terra que recebe a semente representa o estado intelectual e moral de cada um: seja beira de caminho, pedregal, espinhal ou boa terra. Por exemplo, o amor que se transforma em outro sentimento ou perde seu encanto e poesia, ou simplesmente desaparece, é por negligência exclusiva do seu “cultivador” e não de Deus. Era pouco e, após a transformação, ficou sem nada. Se fosse verdadeiro, teria sido multiplicado.

Podemos acrescentar, ainda, que nem todos que pregam a Palavra o fazem tal qual ela é: Simples e despida de formas enganosas. Encontramo-la revestida de tantos mistérios, de dogmas, de retórica que, embora a Palavra permaneça, fica enclausurada na forma, sem que se possa ver o fundo, a essência.

Muitos a pregam por interesse, por vaidade e grande parte por egoísmo. Não dissipam as trevas, endurecem corações ao invés, de abrandá-los, não anunciam a Palavra, mas fazem dela um instrumento para receberem ouro ou glória. Como têm pouco a dar, acabam por esvaziar a oportunidade que lhes foi dada, pelo Pai, de espalhar o entendimento, a fraternidade, a solidariedade, enfim, o Amor ao próximo.

A Palavra não pode ser rebaixada. Ela deve estar acima de nós mesmos – nos dizeres de Cairbar Schutel - “porque aquele que despreza a Palavra, anunciando-a ou ouvindo-a, despreza seu Instituidor e, como disse Ele: ‘Quem me despreza e não recebe as minhas palavras, tem quem o julgue; a Palavra que falei, esta o julgará no último dia’”.

(João, 12: 48.)

Voltemos a Jesus: Assim que encerrou a narrativa sobre o Semeador, os discípulos perguntaram ao Mestre por que falava através de parábolas. E Ele respondeu: “Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus, mas àqueles não lhes é concedido. Pois ao que se tem se lhe dará, e terá em abundância, mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Por isso vos falo por parábolas; porque vendo, não veem; e, ouvindo, não ouvem, nem entendem; porque o coração deste povo está endurecido”.

Esta afirmação de Jesus parece paradoxal. Como dar mais a quem já tem e tirar daquele que pouco tem? O Mestre era incoerente? Vamos pensar em um exemplo, com valores materiais, que pode ilustrar nosso tema: Um homem adquire boa posição financeira. Se é imprevidente e malbarata os bens conquistados, perderá o que já obtivera, confirmando a assertiva de Jesus. Mas, se esse homem toma providências, sensatamente, para estabilizar a boa posição, conservando-a para o bem de todos, consolidará seu bem-estar. Com os tesouros do Espírito o problema é o mesmo, mas é preciso que fique claro que o ensino de Jesus é figurado, pois Deus

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

jamais tirará o bem que lhe foi concedido. É preciso ver o ensinamento pelo espírito. Não é Deus quem retira daquele que pouco havia recebido, mas é o próprio Espírito que, pródigo e descuidado, não sabe conservar o que tem e aumentar, fecundando a migalha que caiu no seu coração.

O Evangelho segundo o Espiritismo dá outro excelente exemplo: O filho que não cultiva o campo que o trabalho do pai conquistou, para deixar-lhe de herança, vê esse campo cobrir-se de ervas daninhas. As perguntas que os Espíritos superiores fazem e que necessitamos responder a nós mesmos são:

1 – foi seu pai que lhe tirou as colheitas que ele não preparou?

2 – se ele deixou a sementeira morrer nesse campo por falta de cuidado, deve acusar o pai pela falta de produção? Evidente que não! Deve acusar, sim, a si próprio, que é o verdadeiro responsável pela própria miséria.

Por outro lado, terá, também, a chance de arrepender-se e retomar o trabalho e plantar a boa semente escolhida entre as más. Cuidar, zelar, arrancando as ervas daninhas que podem sufocar a nova sementeira. Isso dá trabalho? Dá e muito! Vale a pena? Vale, porque a colheita será imensa. Estamos plantando para nós mesmos, hoje, com vistas a um futuro de muita felicidade.

Mas o ensinamento do Mestre ainda aparece na Parábola dos Talentos, que tem a mesma significação da Parábola das Minas, e é importante lembrar-se disso por causa da conclusão que Jesus dá à narrativa dessa parábola: “Tirai, pois, o talento, e dai-o ao que tem dez. Porque a todo que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. E o servo inútil, lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes”.

Bibliografia:

Mateus, 13: 10-14.

Mateus, 25: 14-30.

Marcos, 4: 23-24.

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. 18, itens 13 a 15.)

Schutel Cairbar, Parábolas e Ensinos de Jesus, (Parábola do Semeador.)

Rohden Huberto, Sabedoria das Parábolas, (pág.87.)

Peralva Martins, O Pensamento de Emmanuel, (cap. 8.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

5. Instruções dos Espíritos

1. O dever

7. O dever é a obrigação moral da criatura para consigo mesma, primeiro, e, em seguida, para com os outros. O dever é a lei da vida. Com ele deparamos nas mais ínfimas particularidades, como nos atos mais elevados. Quero aqui falar apenas do dever moral, e não do dever que as profissões impõem.

Na ordem dos sentimentos, o dever é muito difícil de cumprir-se, por se achar em antagonismo com as atrações do interesse e do coração.

Não têm testemunhas as suas vitórias e não estão sujeitas à repressão, suas derrotas. O dever íntimo do homem fica entregue ao seu livre-arbítrio.

O aguilhão da consciência, guardião da probidade interior, o adverte e sustenta; mas, muitas vezes, mostra-se impotente diante dos sofismas da paixão. Fielmente observado, o dever do coração eleva o homem; como determiná-lo, porém, com exatidão? Onde começa ele? Onde termina? O dever principia, para cada um de vós, exatamente no ponto em que ameaçais a felicidade ou a tranquilidade do vosso próximo; acaba no limite que não desejais ninguém transponha com relação a vós.

Deus criou todos os homens iguais para a dor. Pequenos ou grandes, ignorantes ou instruídos, sofrem todos pelas mesmas causas, a fim de que cada um julgue em sã consciência o mal que pode fazer. Com relação ao bem, infinitamente vário nas suas expressões, não é o mesmo o critério. A igualdade em face da dor é uma sublime providência de Deus, que quer que todos os seus filhos, instruídos pela experiência comum, não pratiquem o mal, alegando ignorância de seus efeitos.

O dever é o resumo prático de todas as especulações morais; é uma bravura da alma que enfrenta as angústias da luta; é austero e brando; pronto a dobrar-se às mais diversas complicações, conserva-se inflexível diante das suas tentações. O homem que cumpre o seu dever ama a Deus mais do que as criaturas e ama as criaturas mais do que a si mesmo. É a um tempo juiz e escravo em causa própria.

O dever é o mais belo laurel da razão; descende desta como de sua mãe o filho. O homem tem de amar o dever, não porque preserve de males a vida, males aos quais a Humanidade não pode subtrair-se, mas porque confere à alma o vigor necessário ao seu desenvolvimento.

O dever cresce e irradia sob mais elevada forma, em cada um dos estágios superiores da Humanidade. Jamais cessa a obrigação moral da criatura para com Deus. Tem esta de refletir as virtudes do Eterno, que não aceita esboços imperfeitos, porque quer que a beleza da sua obra resplandeça a seus próprios olhos.

(Lázaro, Paris, 1863.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Crônicas e Artigos

Nº 300 – 24/02/2013

O Consolador – (Célia Xavier de Camargo)

V. Instruções dos Espíritos

I. O dever

Cumprindo o dever

Certo dia, a professora contou a seus alunos que surgira a oportunidade de fazerem um passeio em cidade próxima para visitar uma escola que estava com uma exposição dos melhores trabalhos dos alunos, e completou:

– Creio ser interessante para vocês, pois estão expostos os melhores trabalhos, que mostram a criatividade dos alunos. Temos que ir amanhã sem falta; a exposição está se encerrando.

Os alunos adoraram a ideia! Fizeram planos durante o resto da manhã. Levariam lanche e comeriam num aprazível parque da cidade.

A professora já arrumara um ônibus que estaria às oito horas na porta da escola. Os alunos só precisariam trazer um lanche e a autorização dos pais para viajar com a classe.

Cristina entrou em casa animada.

Contou para sua mãe o passeio que iriam, fazer no dia seguinte dando pulos de alegria.

– Mamãe! Só preciso da autorização da senhora e do papai, e um lanche bem gostoso!

A mãe abraçou a filha contente por vê-la tão entusiasmada. Depois, ficou pensativa.

– O que foi mamãe? Não gostou da ideia?

– Achei ótima, filha. Porém me lembrei: amanhã você não vai fazer companhia ao “seu” Pedro?

– Ah! É verdade! E agora? — disse, levando a mão à cabeça, chateada.

– Você tem que resolver o que deve fazer: se deve ir passear ou cuidar do “seu” Pedro.

– Mamãe, será que alguém poderia ficar com o vô Pedro? Eu “preciso” ir com a classe!

A mãe pensou um pouco e considerou:

– Cristina, você não “precisa” ir com a classe passear. Você se comprometeu a cuidar do vô Pedro antes de surgir essa excursão.

– Mas, alguém poderia ficar com ele no meu lugar! A senhora poderia fazer isso por mim?

– Não posso. Você sabe que preciso trabalhar. Como enfermeira, eu não posso deixar de comparecer ao hospital para meu turno de serviço. Mas podemos pensar em alguém que fique com “vô” Pedro por você.

Pensaram – pensaram – pensaram – porém não conseguiram encontrar ninguém.

Todas as pessoas amigas tinham compromisso para o dia seguinte.

Cristina começou a chorar, reclamando:

– Não é justo! Não vou poder passear porque tenho que cuidar de um doente?!

– Minha filha, cada um de nós deve atender ao dever que a vida nos impõe. Pode ser um dever profissional, como o meu; pode ser um dever familiar, de atender às obrigações no lar, com os familiares; e pode ser um dever moral, isto é, algo com que a gente se comprometeu e julga dever realizar. Quando você se dispôs a passar a tarde com “seu” Pedro, não achou importante?

A menina concordou com um gesto de cabeça, sem dizer nada. Todavia, a mãezinha sugeriu que, até o dia seguinte, ela teria tempo de encontrar alguém que pudesse ficar com ele, já que o doente era entrevado, só ficava na cama, não tinha família e dependia dos amigos.

Assim, com muita esperança, Cristina passou o resto do dia falando com as pessoas ou telefonando. Nada feito.

Na manhã seguinte, resignada, ela avisou à professora que não iria à excursão, esclarecendo o motivo. Depois, tomou o rumo da casa do vô Pedro.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Entrou na casinha pobre levando uma sacola cheia de comida, guloseimas e uma garrafa térmica com café que a mamãe mandara. O velhinho, ao ver a sua amiguinha chegar, estranhou-lhe a expressão desanimada e perguntou:

– Ôôô! Minha amiguinha! Você parece triste hoje! O que aconteceu?

– Nada não, vô Pedro. Minha classe foi passear e eu não pude ir. Só isso!

O velhinho arregalou os olhos, fitando-a surpreso. Depois sua expressão se abrandou, com leve sorriso de ternura no rosto moreno, enquanto dizia:

– Ô minha filha, você não foi porque tinha que fazer companhia ao preto velho! Quanta generosidade!

E, enquanto ele falava, aconteceu algo extraordinário. Cristina começou a ver que, do peito do ancião, uma nuvem luminosa começou a se formar e veio ao seu encontro, envolvendo-a toda. Uma sensação de alegria, de paz, de contentamento a invadiu por dentro. Jamais sentira emoção igual àquela!

O velho abriu os braços e ela deixou-se envolver por eles, num grande e carinhoso abraço.

De repente, Cristina notou que estava livre daquela insatisfação que desde o dia anterior a invadira. Afastou-se um pouco do velhinho e disse:

– Vovô Pedro, não lamento o passeio que perdi. Nada pode me dar mais alegria do que estar aqui com o senhor. Agora, vou buscar seu remédio. Depois, vou trazer-lhe o café que mamãe mandou para tomarmos juntos. Em seguida, vou continuar a leitura do livro que estamos lendo: O Evangelho segundo o Espiritismo.

Tudo passara como um passe de mágica. Ela nem lembrou mais da excursão, dos amigos, da farra que estariam, fazendo no ônibus. Nada mais tinha importância. Cumprira seu dever. Sentia-se em paz consigo mesma e com sua consciência.

MEIMEI

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Crônicas e Artigos

Nº 127 – 04/10/2009

O Consolador – (Orson Peter Carrara)

V. Instruções dos Espíritos

I. O dever

O auxílio virá

O problema que te preocupa talvez te pareça excessivamente amargo ao coração. E tão amargo que talvez não possas comentá-lo, de pronto.

Às vezes, a sombra interior é tamanha que tens a ideia de haver perdido o próprio rumo.

Entretanto, não esmoreças. Abraça o dever que a vida te assinala.

Serve e ora. A prece te renovará energias. O trabalho te auxiliará.

Deus não nos abandona. Faze silêncio e não te queixes.

Alegra-te e espera, porque o Céu te socorrerá. Por meios que desconheces, Deus permanece agindo.

O texto acima, de extrema simplicidade e igualmente de muita sabedoria, em poucas linhas, consegue transmitir o que muitos de nós precisamos nos momentos difíceis. Eu o tenho comigo, no bolso, há décadas. Tenho buscado o conforto das poucas linhas em vários momentos de dificuldades e apreensões.

Realmente há momentos em que os desafios se acumulam e não sabemos para que lado direcionamos as decisões ou mesmo o olhar e os passos.

E ter uma página assim, que nos estimula confiar e esperar, é sempre salutar.

Afinal precisamos mesmo trilhar caminhos de esperança e serenidade interior, por maior seja a tempestade exterior. E isto só se consegue com a convicção da ajuda que normalmente verte do Céu.

Utopia? Talvez muitos levem a abordagem para esse aspecto. Não me importo com opiniões sem fundamento. Prefiro estar ao lado dos que confiam e prosseguem.

E para que trazer uma página assim aos leitores de toda semana?

Justamente para falar ao coração daqueles que hoje, ou já há algum tempo, se encontram abatidos pelas provações, pelas dificuldades; daqueles que se sentem desprezados, abandonados, desnorteados, desestimulados.

Gostaria de dizer àqueles que já não sabem onde tatear para encontrar esperança, que levantem os olhos. Quando tudo se fecha para você, em todos os lados, é momento de olhar para cima, de buscar a ajuda sempre presente do Poder maior que governa a vida.

Nada, pois, de abatimento ou desesperança. Somos, os seres humanos, valiosos demais para sermos esquecidos. Não estamos entregues aqui ao acaso ou à indiferença. Esta pode até existir, mas é ação dos que ainda se perdem na ignorância da própria natureza. Somos, todos, seres muito amados!

E, se você pensar bem, relendo a última frase da mensagem, notará a realidade da afirmação. Basta raciocinar com ela. Sempre me apeguei a ela: Por meios que desconheces, Deus permanece agindo.

Sim, porque Ele é Providência para todos nós! É o Criador de todas as coisas. Sábio, Onipotente, Onipresente, Único, Eterno, Imutável, Imaterial e principalmente soberanamente Justo e Bom, atende seus filhos com igualdade e extremo amor.

As diferenças que encontramos sobre a Terra não se devem a Ele, mas à nossa condição, ainda imperfeita, que o tempo corrigirá.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Portanto, meu convite à alegria, à serenidade, à confiança, ao otimismo!
Confiar e Prosseguir, eis o lema!

Emmanuel, Recados do Além, (psicografia Chico Xavier), (cap. 49.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

5. Instruções dos Espíritos

2. A virtude

8. A virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caritativo, laborioso, sóbrio, modesto, são qualidades do homem virtuoso. Infelizmente, quase sempre as acompanham pequenas enfermidades morais que as desornam e atenuam. Não é virtuoso aquele que faz ostentação da sua virtude, pois que lhe falta a qualidade principal: a modéstia, e tem o vício que mais se lhe opõe: o orgulho. A virtude, verdadeiramente digna desse nome, não gosta de estadear-se. Adivinham-na; ela, porém, se oculta na obscuridade e foge à admiração das massas. São Vicente de Paulo era virtuoso; eram virtuosos o digno cura d'Ars e muitos outros quase desconhecidos do mundo, mas conhecidos de Deus. Todos esses homens de bem ignoravam que fossem virtuosos; deixavam-se ir ao sabor de suas santas inspirações e praticavam o bem com desinteresse, completo e inteiro esquecimento de si mesmos.

À virtude assim compreendida e praticada é que vos convido, meus filhos; a essa virtude verdadeiramente cristã e verdadeiramente espírita é que vos concito a consagrar-vos. Afastai, porém, de vossos corações tudo o que seja orgulho, vaidade, amor-próprio, que sempre desadornam as mais belas qualidades. Não imiteis o homem que se apresenta como modelo e trombeta, ele próprio, suas qualidades a todos os ouvidos complacentes.

A virtude que assim se ostenta esconde muitas vezes uma imensidade de pequenas torpezas e de odiosas covardias.

Em princípio, o homem que se exalça, que ergue uma estátua à sua própria virtude, anula, por esse simples fato, todo mérito real que possa ter.

Entretanto, que direi daquele cujo único valor consiste em parecer o que não é? Admito de boa mente que o homem que pratica o bem experimenta uma satisfação íntima em seu coração; mas, desde que tal satisfação se exteriorize, para colher elogios, degenera em amor-próprio.

Ó vós todos a quem a fé espírita aqueceu com seus raios, e que sabeis quão longe da perfeição está o homem, jamais esbarreis em semelhante escolho. A virtude é uma graça que desejo a todos os espíritos sinceros. Contudo, dir-lhes-ei: Mais vale pouca virtude com modéstia do que muita com orgulho. Pelo orgulho é que as humanidades sucessivamente se hão perdido; pela humildade é que um dia elas se hão de redimir.

(François Nicolas Madeleine, Paris, 1863.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Crônicas e Artigos

Nº 367 – 15/06/2014

O Consolador – (Guaraci de Lima Silveira)

V. Instruções dos Espíritos

II. A virtude

Virtudes

No cômputo das virtudes, destacamos todas que num determinado momento conseguem melhor acesso ao coração do homem.

Uma virtude é sempre um componente de luz.

Cada virtude abre portas e capacita olhar mais adiante.

Assim como a verdade, as virtudes são feixes luminosos que se nos abrem par a par, respeitando nossos crescimentos e limitações.

O ser virtuoso é aquele que num ponto definido dos seus crescimentos consegue atender o quanto se espera dele naquele momento.

Assim o virtuoso está no bruto que acalanta seu filho e no santo que renuncia a favor de milhares.

Está no frágil que retira as pesadas pedras do caminho para que sua prole prossiga e no sábio que retira as torpezas de mentes que ainda ignoram o magno saber.

A virtude está em tomar decisões certas, em domar tendências negativas, em caminhar quantas léguas forem necessárias em sendo solicitado para tal.

Está em dividir o cálice, a esperança, a fé.

Cobrir-se com a toga da magistratura divina e permitir que outros tantos também ali se aconcheguem.

É praticar a justiça, a solidariedade e o amor no tempo e na medida exata das suas possibilidades.

A virtude está em observar o caminhar alheio e se rejubilar quando o mesmo deixa marcas da iluminada verdade.

É não ser tolo o bastante para sentir-se rebaixado ante aquele que progride e muito menos obstacular-lhe os passos.

A virtude está em refugiar-se em Deus através de Jesus, permitindo que o ego inflamado de falsa superioridade se permita receber o banho dos conhecimentos e o alimento da humildade.

As virtudes elevam o homem ao reino da nobreza, não aquela conspurcada ou comprada nos reinos dos homens, mas aquela que se consegue ao custo de trabalho, dedicação e aprimoramentos para os planos superiores da Criação.

Somente as virtudes nos levarão a ela.

Todos as possuímos numa determinada potência.

São sementes que necessitam rega.

Sejamos, pois, seus leais agricultores.

São elas nossas perfeitas Linhas da Evolução.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Crônicas e Artigos

Nº 400 – 08/02/2015

O Consolador – (Ivomar Schuler da Costa)

Indulgência, a virtude da compreensão

V. Instruções dos Espíritos

II. A virtude

Sucedendo à benevolência, Kardec classifica a indulgência como a segunda virtude elementar da caridade.

Ao ler as obras fundamentais do Espiritismo encontram-se termos em que os significados por vezes se aproximam e por vezes se afastam, causando alguma confusão ao leitor menos atento ao processo sinonímico e diacrônico, dentro do campo semântico. Este é o caso de alguns utilizados nos evangelhos, bem como nas obras espíritas. Perdão, indulgência e misericórdia aparecem muitas vezes em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Seriam eles sinônimos? Para que possamos entender e aplicar a caridade em toda a sua extensão, necessário se faz conhecer o sentido exato dos termos utilizados pelos luminares que em todos os tempos os revelaram a nós, como condição indispensável ao bom entendimento e à boa aplicação dos seus conselhos morais.

A caridade ainda é uma grande desconhecida; para que a sua prática seja fiel precisamos apreender o seu significado, a sua estrutura e composição. Kardec, com sua enorme capacidade intelectual, conseguiu sintetizar em apenas seis virtudes, classificadas como elementares, mais de dois mil anos de perquirições a respeito deste tema essencial para a humanidade.

A despeito de todo o cuidado que ele tomou na elaboração das obras básicas, buscando esclarecer com exatidão o significado dos termos utilizados, alguns ainda foram deixados para que a posteridade os estudasse e esclarecesse. Contando com o nosso interesse e capacidade de entendimento, e com a evolução dos métodos de interpretação, tendo em vista a impossibilidade material de escrever sobre cada mínimo detalhe, ele deixou-nos inúmeras pistas. Sem dúvida, ele sabia que os termos utilizados sofreriam alterações de sentido, assim tratou de organizar seus textos de maneira que a disposição destes oferecesse condições de serem decodificados e seus sentidos exatos serem apreendidos pelos espíritas dos séculos vindouros. A questão de que tratamos é um destes casos.

Sendo a indulgência uma das virtudes elementares da caridade, para captar o sentido exato desta não podemos, em hipótese alguma, passar ao largo do entendimento daquela. Contudo, essa tarefa não é tão fácil como pode parecer à primeira vista. No decorrer dos séculos essa virtude essencial foi expressa por diversos termos, atendendo à necessidade dos tempos e da evolução da mente humana. Tudo isso leva os interessados na própria evolução a um esforço interpretativo no qual devem procurar as raízes semânticas para apreender o seu sentido exato, pois sem isso a prática da caridade restará enfraquecida, ou distorcida.

Começamos notando que Kardec coloca uma das bem-aventuranças como título do capítulo X: Bem-aventurados os que são misericordiosos. No decorrer do capítulo vemos os evangelhos e os espíritos usarem termos como misericórdia, perdão e indulgência. Pela colocação dos termos na estrutura do capítulo, observamos que, apesar das fortes relações de sinonímia, existem perceptíveis diferenças de significado entre eles.

O posicionamento do termo misericórdia no título do capítulo nos indica que tem significado bem mais amplo do que os outros dois. Logo a seguir, no primeiro subtítulo temos “Perdoai, para que Deus vos perdoe” e depois em “Instrução dos Espíritos”, item 14, identificamos o termo “perdão” em “Perdão das ofensas”, e mais adiante “A indulgência”. Desta forma, entendemos que o sentimento de misericórdia abrange os outros dois, apesar disso causar certa confusão, já que no linguajar cotidiano costumamos utilizar ambos como sinônimos absolutos.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Vejamos as relações de sentido entre os termos utilizados. Em “Perdoai, para que Deus vos perdoe”, item 4, § 1º, Kardec diz que “Ela (a misericórdia) consiste no esquecimento e no perdão das ofensas.

O esquecimento das ofensas é próprio da alma elevada, que paira acima dos golpes que lhe possam desferir.”, o que nos leva a entender que o perdão é um ato próprio da misericórdia.

Uma característica do perdão, que podemos inferir do texto, é que os espíritos que já atingiram as culminâncias da evolução não se sentem ofendidos pelas ações derivadas das imperfeições alheias.

Portanto, somente precisa perdoar quem se sente ofendido, e estes são aqueles espíritos que ainda se encontram na luta pela conquista da superioridade moral. Decorre daí que a necessidade de perdoar é sempre relativa ao nível espiritual; um dia não necessitaremos mais perdoar.

No item 15, § 1º, ainda no subtítulo “Perdão da ofensas”, Paulo, o apóstolo, diz que “o vosso adversário andou mal em se mostrar excessivamente suscetível; razão de mais para serdes indulgentes”, relacionando, desta forma, o perdão com a indulgência.

Além destas relações estabelecidas pelos espíritos, Kardec, como poliglota, deve ter percebido, devido às origens latinas do termo, que a relação entre eles é histórica e semântica. O termo indulgência era usado pelos romanos como sinônimo de outras palavras, tais como: remissão, que significava quitação, remissão, perdão; relaxatio, ou seja, alívio, atenuação; absolutio, cujo sentido era o de dissolução ou absolvição; indultum, ou mais especificamente, perdão. A palavra indultum era usada no sentido de perdão dos tributos não pagos (remissão tributi) ou de perdão das penas (remissão poenae). Não pagar os tributos devidos a César era um erro gravíssimo. Em determinadas épocas os imperadores concediam indultos, ou seja, perdão, àqueles que haviam sido condenados ou que não haviam pago seus impostos. O termo abolitio era algo parecido com uma anistia ou libertação dada durante festividades públicas, uma forma de libertação.

Um exemplo do sentido de termo sinônimo de indulgência é encontrado em “Atos dos apóstolos 24:23”. Paulo havia sido preso e conduzido à Cesareia. Lá, depois de ouvido pelo procurador Felix, o centurião encarregado da sua guarda recebeu instruções para tratá-lo com brandura, inclusive permitindo que recebesse a visita de amigos e que fosse ajudado por eles. O texto em latim diz: habere mitigationem.

A ordem era para que o centurião amenizasse a severidade e, geralmente, a crueldade, com que os prisioneiros eram tratados pelo poder imperial. Neste caso a indulgência significou brandura, suavização do tratamento dispensado ao prisioneiro.

Originalmente o termo indulgência era muito amplo e abrigava vários significados e sinônimos, inclusive o de perdão. Este era apenas um caso específico dentro do campo semântico do termo indulgência. Portanto, não se deve entender e tratar indulgência e perdão como sinônimos exatos e absolutos.

De modo semelhante ao termo em latim, indulgência para os espíritos da codificação é também abrangente.

De acordo com José, Espírito protetor, no subtítulo “Indulgência”, item 16, ela consiste em a pessoa evitar conhecer intencionalmente os defeitos alheios, e se por acaso toma conhecimento deles não os divulga, a não ser em caso em que um grupo maior possa vir a ser, ou, estar sendo prejudicado. Mesmo assim procura atenuar as suas observações. Evitar críticas e censuras aos erros alheios faz parte da indulgência.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Ela seria muito simples caso se resumisse a isto. Existem situações em que é impossível fugir a crítica e a censura, em primeiro lugar porque somos dotados pela providência divina de faculdades intelectuais e morais próprias para o exercício do discernimento entre o bem o mal, portanto, sob pena de conivirmos com o erro, não devemos nos omitir. Quando somos obrigados pela força da situação a emitir pareceres sobre o comportamento alheio, os espíritos nos recomendam a brandura. No item 15 temos “se fordes duros, exigentes, inflexíveis, se usardes de rigor até por uma ofensa leve, como quereis que Deus esqueça de que cada dia maior necessidade tendes de indulgência?”; no item 16, § 4, é dito, “Sede, pois, severos para convosco, indulgentes para com os outros” e no § 5, “Sede, indulgentes, meus amigos, porquanto a indulgência atrai, acalma, ergue, ao passo que o rigor desanima, a fastia, irrita.”; no 1º § do item 17, o espírito João, Bispo de Bordeaux, nos recomenda: “Sede, indulgentes com as faltas alheias, quaisquer que elas sejam; não julgueis com severidade senão as vossas próprias ações”. O espírito Dufêtre, Bispo de Nevers, no item 18, § 1º recomenda: “Sede severos convosco, indulgentes para com as fraquezas dos outros.”. No mesmo parágrafo ele diz que a indulgência consiste em cada um observar apenas superficialmente os defeitos de outrem, esforçando-se para fazer prevalecer os que há nele de bom e virtuoso.

A indulgência, então, implica não em fechar a mente para a percepção dos erros alheios, o que seria negar e anular as capacidades de que fomos dotados, mas sim, apesar de vê-los, suavizar nossas críticas e censuras e, simultaneamente, destacar os aspectos positivos daqueles que os cometem. Ser indulgente é tratar com menos severidade os erros alheios do que os nossos.

A razão pela qual devemos desenvolver a indulgência está em nossa própria imperfeição. No § 1º do item 13, ao tratar da questão da autoridade para julgar e condenar os erros dos outros diz “Atire a primeira pedra aquele que estiver isento de pecado” disse Jesus. Esta sentença faz da indulgência um dever para nós outros. Ela nos ensina que não devemos julgar com mais severidade os outros, do que julgamos a nós mesmos, nem condenar em outrem aquilo de que nos absolvemos.”. Embora sendo autoexplicativa, podemos acrescentar que ser indulgente requer profundo autoconhecimento.

Extraímos quatro conclusões do exposto. A primeira delas é que indulgência é mais ampla do que o perdão. Existe uma área de intersecção dos significados dos termos, em que ambos se confundem; a necessidade de perdoar é temporária, pois deixa de existir quando o espírito atinge o cume da evolução moral, ao passo que a indulgência permanece sempre e cada vez mais, porquanto o espírito evoluído terá sempre de se confrontar com as imperfeições daqueles que ainda palmilham as difíceis estradas da ascensão moral.

Dessa forma, como segunda conclusão temos que a indulgência se expande na medida em que o perdão se encolhe, até este desaparecer.

A terceira conclusão refere-se à identidade entre indulgência e misericórdia. Este termo aparece no título do capítulo X, ao passo que o termo indulgência, Kardec o coloca como uma das virtudes elementares da caridade. Portanto, em decorrência da expansão da indulgência na medida em que evolui o espírito, chega um momento em que se identificam como uma só virtude, embora termos diferentes a denominem. Podemos representar a misericórdia como o círculo que contém dois outros círculos inscritos e secantes. Os dois círculos secantes são a indulgência e o perdão. No entanto, quando o espírito evolui a ponto de não precisar perdoar, resta apenas um círculo inscrito; na medida em que ele evolui o círculo que representa a indulgência cresce até se confundir totalmente com o círculo maior; misericórdia e indulgência se tornam dois termos que significam a mesma virtude.

Finalmente, a quarta conclusão é que a indulgência é a capacidade de compreender os erros cometidos por outrem, devido as suas fraquezas morais. A partir do reconhecimento da nossa própria imperfeição aumentamos nossa capacidade de compreender a imperfeição dos outros.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Portanto, a indulgência é substancialmente uma virtude em que o espírito, a partir do autoconhecimento, passa a entender e a sentir compaixão pelos espíritos ainda imperfeitos. O espírito abandona o orgulho, ou seja, o sentimento de superioridade que alimenta em relação aos outros. Entende, sobretudo, que todos guardam dentro de si a capacidade de se melhorarem, e assim passa a ver os outros com olhos carregados de amor. Por isso a indulgência é a virtude da compreensão.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

5. Instruções dos Espíritos

3. Os superiores e os inferiores

9. A autoridade, tanto quanto a riqueza, é uma delegação de que terá de prestar contas a aquele que se ache dela investido. Não julgueis que lhe seja ela conferida para lhe proporcionar o vão prazer de mandar; nem, conforme o supõe a maioria dos potentados da Terra, como um direito, uma propriedade.

Deus, aliás, lhes prova constantemente que não é nem uma nem outra coisa, pois que deles a retira quando lhe apraz. Se fosse um privilégio inerente às suas personalidades, seria inalienável. A ninguém cabe dizer que uma coisa lhe pertence, quando lhe pode ser tirada sem seu consentimento. Deus confere a autoridade a título de missão, ou de prova, quando o entende, e a retira quando julga conveniente.

Quem quer que seja depositário de autoridade, seja qual for a sua extensão, desde a do senhor sobre o seu servo, até a do soberano sobre o seu povo, não deve olvidar que tem almas a seu cargo; que responderá pela boa ou má diretriz que dê aos seus subordinados e que sobre ele recairão as faltas que estes cometam, os vícios a que sejam arrastados em consequência dessa diretriz ou dos maus exemplos, do mesmo modo que colherá os frutos da solicitude que empregar para os conduzir ao bem. Todo homem tem na Terra uma missão, grande ou pequena; qualquer que ela seja, sempre lhe é dada para o bem; falseá-la em seu princípio é, pois, falir ao seu desempenho.

Assim como pergunta ao rico: “Que fizeste da riqueza que nas tuas mãos deveria ser um manancial a espalhar a fecundidade ao teu derredor”, também Deus inquirirá daquele que disponha de alguma autoridade: “Que uso fizeste dessa autoridade? Que males evitaste? Que progresso facultaste?”

Se te dei subordinados, não foi para que os fizesses escravos da tua vontade, nem instrumentos dóceis aos teus caprichos ou à tua cupidez; fiz-te forte e confiei-te os que eram fracos, para que os amparasses e ajudasses a subir ao meu seio.”

O superior, que se ache compenetrado das palavras do Cristo, a nenhum, despreza dos que lhe estejam submetidos, porque sabe que as distinções sociais não prevalecem às vistas de Deus. Ensina-lhe o Espiritismo que, se eles hoje lhe obedecem, talvez já lhe tenham dado ordens, ou poderão dar-lhas mais tarde, e que ele então será tratado conforme os haja tratado, quando sobre eles exercia autoridade.

Se o superior tem deveres a cumprir, o inferior, de seu lado, também os tem e não menos sagrados. Se for espírita, sua consciência ainda mais imperiosamente lhe dirá que não pode considerar-se dispensado de cumpri-los, nem mesmo quando o seu chefe deixe de dar cumprimento aos que lhe correm, porquanto sabe muito bem não ser lícito retribuir o mal com o mal e que as faltas de uns não justificam as de outrem. Se a sua posição lhe acarreta sofrimentos, reconhecerá que, sem dúvida os mereceu, porque, provavelmente, abusou outrora da autoridade que tinha, cabendo-lhe, portanto, experimentar a seu turno o que fizera sofrerem os outros. Se se vê forçado a suportar essa posição, por não encontrar outra melhor, o Espiritismo lhe ensina a resignar-se, como constituindo isso uma prova para a sua humildade, necessária ao seu adiantamento. Sua crença lhe orienta a conduta e o induz a proceder como quereria que seus subordinados procedessem para com ele, caso fosse o chefe. Por isso mesmo, mais escrupuloso se mostra no cumprimento de suas obrigações, pois compreende que toda negligência no trabalho que lhe está determinado redundará em prejuízo para aquele que o remunera e a quem deve ele o seu tempo e os seus esforços. Numa palavra: solicita-o o sentimento do dever, oriundo da sua fé, e a certeza de que todo afastamento do caminho reto implica uma dívida que, cedo ou tarde, terá de pagar.

(François Nicolas Madeleine, cardeal Morlot, Paris, 1863.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Elucidações de Emmanuel

Nº 172 – 22/08/2010

O Consolador

V. Instruções dos Espíritos

III. Os superiores e os inferiores

Cooperação

Para que alguém dirija com êxito e eficiência uma empresa importante, não lhe basta a nomeação para o encargo.

Exige-se lhe um conjunto de qualidades superiores para que a obra se consolide e prospere. Não apenas autoridade, mas direção com discernimento. Não só teoria e cultura, mas virtude e juízo claro de proporções.

Dilatados recursos nas mãos, a serviço de uma cabeça sem rumo, constituem tesouros nos braços da insensatez, assim como a riqueza sem orientação é navio à matroca.

Quem governa emitirá forças de justiça e bondade, trabalho e disciplina, para atingir os objetivos da tarefa em que foi situado.

Quando o poder é intemperante, sofre o povo a intranquilidade e a mazorca, e, quando a inteligência não possui o timão do caráter sadio, espalha, em torno, a miséria e a crueldade. Daí conhecermos tantos tiranos nimbados de grandeza mental e tantos gênios de requintada sensibilidade, mas atolados no vício.

No mundo íntimo, a vontade é o capitão que não pode relaxar no mister que lhe é devido. E assim como o administrador de um serviço reclama a ajuda de assessores corretos, a vontade não prescindirá da ponderação e da lógica, conselheiros respeitáveis na chefia das decisões.

No entanto, urge que o senso de cooperação seja chamado a sustentar-lhe os impulsos. Nas linhas da atividade terrestre, quem orienta com segurança não ignora a hierarquia natural que vige na coexistência de todos os valores indispensáveis à vida.

Na confecção do agasalho comum, o fio contará com o apoio da máquina, a máquina esperará pela competência do operário, o operário edificar-se-á no técnico que lhe supervisiona o trabalho, o técnico arrimar-se-á na diretoria da fábrica e a diretoria da fábrica equilibrar-se-á no movimento da indústria, dele extraindo o combustível econômico necessário à alimentação do núcleo de serviço que lhe obedece aos ditames.

Observamos, assim, que no Estado Individual a vontade, para satisfazer à governança que lhe compete, sem colapsos de equilíbrio, precisa socorrer-se da colaboração a fim de que se lhe clareie a atividade.

A cooperação espontânea é o supremo ingrediente da ordem.

Da Glória Divina às balizas subatômicas, o Universo pode ser definido como sendo uma cadeia de vidas que se entrosam na Grande Vida.

Cooperação significa obediência construtiva aos impositivos da frente e socorro implícito às privações da retaguarda.

Quem ajuda é ajudado, encontrando, em silêncio, a mais segura fórmula de ajuste aos processos da evolução.

Emmanuel, Pensamento e Vida, (psicografia Chico Xavier), (cap. 3.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Elucidações de Emmanuel

Nº 16 – 01/08/2007

O Consolador

V. Instruções dos Espíritos

III. Os superiores e os inferiores

Esmola

“dai antes esmola do que tiverdes.”

Jesus. (Lucas, 11:41.)

A palavra do Senhor está sempre estruturada em luminosa beleza que não podemos perder de vista.

No capítulo da esmola, a recomendação do Mestre, dentro da narrativa de Lucas, merece apontamentos especiais.

“Dai antes esmola do que tiverdes.”

Dar o que temos é diferente de dar o que detemos.

A caridade é sublime em todos os aspectos sob os quais se nos revele e em circunstância alguma devemos esquecer a abnegação admirável daqueles que distribuem pão e agasalho, remédio e socorro para o corpo, aprendendo a solidariedade e ensinando-a.

É justo, porém, salientar que a fortuna ou a autoridade são bens que detemos provisoriamente na marcha comum e que, nos fundamentos substanciais da vida, não nos pertencem.

O Dono de todo o poder e de toda a riqueza no Universo é Deus, nosso Criador e Pai, que empresta recursos aos homens, segundo os méritos ou as necessidades de cada um.

Não olvidemos, assim, as doações de nossa esfera íntima e perguntemos a nós mesmos:

Que temos de nós próprios para dar?

Que espécie de emoção estamos comunicando aos outros?

Que reações provocamos no próximo?

Que distribuímos com os nossos companheiros de luta diária?

Qual é o estoque de nossos sentimentos?

Que tipo de vibrações espalhamos?

Para difundir a bondade, ninguém precisa cultivar riso estridente ou sorrisos baratos, mas, para não darmos pedras de indiferença aos corações famintos de pão da fraternidade, é indispensável amearhar em nosso espírito as reservas da boa compreensão, emitindo o tesouro de amizade e entendimento que o Mestre nos confiou em serviço ao bem de quantos nos odeiam, perto ou longe.

É sempre reduzida a caridade que alimenta o estômago, mas que não esquece a ofensa, que não se dispõe a servir diretamente ou que não acende luz para a ignorância.

O aviso do Instrutor Divino nas anotações de Lucas significa: Dai esmola de vossa vida íntima, ajudai por vós mesmos, espalhai alegria e bom ânimo, oportunidade de crescimento e elevação com os vossos semelhantes, sede irmãos dedicados ao próximo, porque, em verdade, o amor que se irradia em bênçãos de felicidade e trabalho, paz e confiança, é sempre a dádiva maior de todas.

Emmanuel, Fonte Viva, (psicografia Chico Xavier.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

5. Instruções dos Espíritos

4. O homem no mundo

10. Um sentimento de piedade deve sempre animar o coração dos que se reúnem sob as vistas do Senhor e imploram a assistência dos bons Espíritos.

Purificai, pois, os vossos corações; não consintais que neles demore qualquer pensamento mundano ou fútil. Elevai o vosso espírito àqueles por quem chamais, a fim de que, encontrando em vós as necessárias disposições, possam lançar em profusão a semente que é preciso germine em vossas almas e dê frutos de caridade e justiça.

Não julgueis, todavia, que, exortando-vos incessantemente à prece e à evocação mental, pretendamos vivais uma vida mística, que vos conserve fora das leis da sociedade onde estais condenados a viver. Não; vivei com os homens da vossa época, como devem viver os homens. Sacrificai às necessidades, mesmo às frivolidades do dia, mas sacrificai com um sentimento de pureza que as possa santificar.

Sois chamados a estar em contato com espíritos de naturezas diferentes, de caracteres opostos: não choqueis a nenhum daqueles com quem estiverdes. Sede, joviais, sede ditosos, mas seja a vossa jovialidade a que provém de uma consciência limpa, seja a vossa ventura a do herdeiro do Céu que conta os dias que faltam para entrar na posse da sua herança.

Não consiste a virtude em assumirdes severo e lúgubre aspecto, em repelirdes os prazeres que as vossas condições humanas vos permitem. Basta reporteis todos os atos da vossa vida ao Criador que vo-la deu; basta que, quando começardes ou acabardes uma obra, eleveis o pensamento a esse Criador e lhe peça, num arroubo de alma, ou a sua proteção para que obtenhais êxito, ou a sua bênção para ela, se a concluístes. Em tudo o que fizerdes, remontai à Fonte de todas as coisas, para que nenhuma de vossas ações deixe de ser purificada e santificada pela lembrança de Deus.

A perfeição está toda, como disse o Cristo, na prática da caridade absoluta; os deveres da caridade alcançam todas as posições sociais, desde o menor até o maior. Nenhuma caridade teria a praticar o homem que vivesse insulado. Unicamente no contato com os seus semelhantes, nas lutas mais árduas é que ele encontra ensejo de praticá-la. Aquele, pois, que se isola priva-se voluntariamente do mais poderoso meio de aperfeiçoar-se; não tendo de pensar senão em si, sua vida é a de um egoísta.

(Cap. V, item 26.)

Não imagineis, portanto, que, para viverdes em comunicação constante conosco, para viverdes sob as vistas do Senhor, seja preciso vos cilicieis e cubrais de cinzas. Não, não, ainda uma vez vos dizemos. Ditosos sede, segundo as necessidades da Humanidade; mas que jamais na vossa felicidade entre um pensamento ou um ato que o possa ofender, ou fazer se vele o semblante dos que vos amam e dirigem. Deus é amor, e aqueles que amam santamente Ele os abençoa.

(Um Espírito protetor, Bordeaux, 1863.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Editorial

Nº 480 – 28/08/2016

O Consolador

V. Instruções dos Espíritos

IV. O homem e o mundo

O homem e o mundo

“Dei-lhes a tua palavra, e o mundo os odiou porque não são do mundo, como também eu não sou do mundo. Não estou pedindo que os tires do mundo, mas que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como eu também não sou do mundo. Consagra-os na verdade: a tua palavra é verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo.”

(João 17:14-18.)

No imaginário cristão primitivo, o mundo representava a corrupção, o território campeado pelo pecado, o contrário ao reino dos céus. Mas Deus amou o mundo, como o viu, na criação, que era bom, e enviou a redenção para esse mundo. Nosso Pai amou de tal modo o mundo que enviou seu filho para salvar a humanidade.

A ideia de salvação, comum em discursos religiosos, é parte central no Cristianismo. O próprio Cristo foi batizado de Salvador (Jesus).

“Eu vos escrevi, em carta, que não vos misturásseis com gente imoral. Não me referia de modo geral aos imorais, avarentos, ladrões ou idólatras deste mundo, porque neste caso teríeis de sair do mundo.”

(1 Coríntios 5:9-10.)

A ideia de que o isolamento seria um benefício para a fé, no qual se praticaria a mortificação dos instintos maus, é muito anterior ao Cristianismo. Os misantropos viviam sozinhos ou em pequenos grupos em regiões desérticas. A ideia de eremitério cristão surgiu entre o século III e IV d.C. Não fazia parte do chamado Cristianismo primitivo.

Paulo é considerado o grande teólogo do Cristianismo primitivo. Além do conteúdo, as cartas de Paulo são importantes por serem os primeiros registros escritos de doutrina cristã que chegaram até hoje. O evangelho fonte para os evangelhos sinóticos se perdeu. Partes dele teriam sobrevivido em partes desiguais no conteúdo dos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. O evangelho de Mateus é resultado de uma edição judaizante desse texto fonte. Essa fonte, seriam as anotações de Levi, a que se refere Emmanuel.

Paulo afirma que devemos viver no mundo, mas como se a ele não pertencêssemos. Ele diz que a própria Natureza espera ansiosa a sua redenção. Mas salvar-se do quê? Das paixões que corrompem nossas vidas, que são a fonte dos erros e desastres morais. Salvar-se do egoísmo e do orgulho. É nesse sentido que, em Espiritismo, fala-se de salvação, sem, todavia, o sentido mágico, como no Catolicismo, em que a graça promove a salvação dos eleitos. Segundo o Espiritismo, a salvação é um processo evolutivo.

“Um sentimento de piedade deve sempre animar o coração dos que se reúnem sob as vistas do Senhor e imploram a assistência dos Espíritos bons. Purificai, pois, os vossos corações; não deixeis que nele se aloje qualquer pensamento mundano ou fútil. Vivei como os homens de vossa época, como devem viver os homens. Sacrificai às necessidades, mesmo às frivolidades do dia, mas sacrificai com um sentimento de pureza que as possa santificar.”

(O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. 17, item 10.)

Para viver no mundo é preciso disciplina. Fazer um balanço do que é mais importante para nós, quais são nossos objetivos e o que devemos fazer hoje para alcançar esses objetivos. Estabelecer prioridades. Se temos a vontade de lutar contra nossas más paixões, é preciso conhecer-nos, analisando nosso comportamento.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Quando Emmanuel sugeriu a Chico Xavier as três disciplinas, ele estava se referindo ao trabalho mediúnico, setorizando o comportamento do Chico de forma a dar o devido espaço para cada objetivo. Então Chico estabeleceu metas, que jamais seriam levadas a cabo se ele não estabelecesse o devido espaço para cada atividade. Uma noite para cada tarefa. Um dia, trabalho público, outro dia, psicografia de livros, outra noite ainda, desobsessão, e assim por diante: trabalho assistencial, estudo, visitas, leitura de lazer, momento para ouvir músicas etc. Disciplinar, de forma que tudo tenha seu tempo, e cuidar que todas as prioridades sejam levadas a efeito.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Crônicas e Artigos

Nº 411 – 26/04/2015

O Consolador – (Diamantino Lourenço Rodrigues de Bártolo)

V. Instruções dos Espíritos

IV. O homem e o mundo

Deus, Fé, Ciência

O Homem vive no mundo movendo-se no espaço e existindo no tempo. E, se por um lado, o espaço o situa no meio natural que o rodeia, o tempo dá-lhe um passado histórico, constituindo ambos uma espécie de estrutura dialética que, logicamente, vai ditando o futuro desse mesmo Homem.

Esse mundo concreto, histórico-linguístico, onde a experiência e a compreensão têm papéis relevantes, constitui o horizonte no qual o Homem se realiza, e se compreende a si mesmo, no mundo.

Note-se, porém, que pelo fato de o Homem se realizar como um todo no horizonte do Ser, o seu mundo é um mundo humano e a sua história, uma história humana. Por outras palavras, a sua realização, como Homem, em todo o horizonte do Ser, só é possível porque o Homem está aberto ao Ser que, por sua vez, se lhe revela em todas as coisas e sucessos do seu mundo histórico.

O Ser é, portanto, o supremo, incondicionado e ilimitado horizonte, para o qual nos dirigimos continuamente, mas sem jamais o podermos alcançar plenamente. Como condição do horizonte do mundo está o supremo e incondicionado horizonte do Ser que, além de penetrar o mundo, transcende-o, abrindo-se à autorrealização do Homem no mundo.

O Homem vê-se, assim, envolvido no seu quotidiano com o problema hermenêutico da inteligência da existência humana no mundo, e com o problema metafísico do ser como horizonte global: do perguntar e do saber; do querer e do operar humanos; horizonte esse supremo e incondicionado, onde a diversidade histórica dos diferentes mundos de experiência e compreensão vai buscar o seu condicionamento e entendimento.

Por mais que o Homem se debruce sobre o seu mundo humano de experiência e compreensão, jamais o abarcará na sua “Totalidade do Ser”. A cada pergunta que faz sobre a realidade do mundo, só obtém respostas parciais e limitadas, a ponto de se poder afirmar que todo o saber revela ignorância ou, se quisermos, todo o saber é “ignorância que sabe”.

É, todavia, a consciência dessa ignorância que leva o Homem a ulteriores perguntas, permitindo-lhe não só ampliar o nosso mundo, mas, ainda, transcendê-lo. Com isso, o nosso mundo não deixará de ser limitado.

No entanto, a irrequietude da inteligência humana, traduzida nas perguntas que continuamente se sucedem sobre o nosso mundo de experiência e de compreensão, leva-nos à conclusão de que esse mesmo mundo não pode constituir, fundamentalmente, o último horizonte do perguntar e do entender humanos. É assim que o condicionado nos leva ao incondicionado, o relativo nos revela o absoluto. Chegamos, então, a Deus.

Qual Deus? O Deus da Fé Cristã? No mundo da compreensão do Homem atual, ainda fará sentido falar de Deus? Não terá esta palavra perdido todo o seu significado? Repare-se que não se trata aqui de aduzir provas a favor ou contra a existência de Deus, nem muito menos de esclarecer se com este ou aquele argumento se pode demonstrar a existência de Deus. Trata-se do próprio conceito de Deus. É, portanto, uma questão muito anterior e muito mais fundamental.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

No passado, quando se falava de Deus, entendia-se, imediatamente, o Deus da fé cristã, que a Teologia e a Filosofia Cristãs apresentavam num horizonte comum de intelecções. Mesmo quando os protestos se erguiam contra Deus se entendia, univocamente, num horizonte comum de compreensão, em sentido cristão.

No entanto, é forçoso reconhecer que, pouco a pouco, o tal horizonte comum de compreensão foi-se dissipando: ora envolto nas diferentes formas de ateísmo; ora esbatido em concepções que apresentam alterações muito concretas e determinadas. Note-se, porém, que não se trata, muitas das vezes, de meras invenções arbitrárias, nem tão pouco de uma má intenção dos adversários da fé cristã.

Creio mesmo ser honesto reconhecer que muitos dos filósofos que a história nos aponta como adversários do Deus do Cristianismo, feita uma análise profunda das suas obras constata-se, sem grande dificuldade, que eles não eram “contra Deus”, nem tão pouco, bem-vistas as coisas, contra a fé em Deus, mas somente contra um Deus que “escravizava o Homem, humilhando-o e privando-o dos seus direitos”.

Numa palavra, eram contra um Deus que privava o Homem da sua liberdade e, portanto, da sua dignidade. Afinal, bem-visto o problema, eram contra Deus que não era O do Evangelho, pois sabemos bem que Esse Deus não é despótico, mas, pelo contrário, respeita a liberdade do Homem.

Um Deus de Amor, diz-se. É, certamente, forçoso reconhecer que muitas críticas dos adversários ao Deus da fé cristã resultam de representações e modos de expressar a fé em Deus, demasiadamente ingênuas, sendo tais críticas uma sequência racional da própria ingenuidade com que se vive essa mesma fé.

Por outro lado, também sabemos que, nos primórdios da humanidade, o Homem, para explicar os fenômenos da natureza, por mais simples que fossem, recorria a Deus, não propriamente no sentido de última causa do ser, mas como causa física, embora suprema.

Quando a Ciência no século XVII tomou um impulso decisivo, que parecia fazer prever a resolução de todos os problemas do Homem, à medida que se iam descobrindo as leis da natureza, deixava de ser necessário recorrer a Deus, como uma causa, entre outras causas, que no mundo atuavam imediatamente.

Não admira, por isso, que em nome da Ciência se negasse Deus. É que se confundia Deus com uma causa entre outras causas. Deus era, então, uma mera hipótese suplementar, a que se continuava a recorrer sempre que a explicação do mundo, por meras causas naturais, já não era suficiente. E isto, com uma agravante, uma vez que tal hipótese suplementar não era verificável, com os meios de que dispunha a investigação empírica.

Apesar disso, e por isso mesmo, sempre que devido ao avanço da Ciência e dos seus métodos essa hipótese caía por terra, aí se levantava o coro daqueles que, em nome da Ciência, refutavam a crença em Deus. Quem não tem presente a polémica surgida com a teoria da evolução de Darwin? Não é possível a evolução das espécies, porque Deus tudo criou, dizia a fé cristã, baseada na Bíblia. Mas se há evolução, então Deus nada criou e até é inútil, dizia-se em nome da Ciência.

Quem teria Razão? A Ciência ou a Bíblia? Falar da Razão, aqui, seria, talvez, falar dum vencido perante um vencedor. Mas, afinal, a Bíblia e a Razão têm, no mundo da compreensão do Homem, o seu lugar próprio, bem definido, que faz com que, longe de se contradizerem ou se excluírem, antes, se completam, se encontram no horizonte aberto do Ser, que faz com que o estar do

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

homem no mundo seja um estar de tensão contínua em Deus, e para Deus, com realização plena do seu Ser.

Não há dúvida de que a constituição essencial metafísica da existência humana, no mundo, se enquadra no acontecer da salvação que Deus faz no mundo e na história. Não fora assim e teríamos o sobrenatural como uma realidade que se acrescentaria, em plano secundário, à essência natural do homem. Mas não.

Pelo contrário, a vida do homem é uma realidade concreta, abarcada pela obra salvífica de Deus, porque Ele falou e a sua revelação significa abertura da Sua ação através da Palavra. Se por um lado o Homem está aberto para ouvir a Palavra de Deus, por outro lado, essa mesma Palavra só poderá ser entendida dentro do contexto de salvação em que foi pronunciada, tendo em conta o Homem concreto, o Homem Histórico, bem definido no espaço e no Tempo.

Para uma interpretação correta da Sagrada Escritura, é preciso ter em conta que a Palavra fala ao Homem, numa palavra simultaneamente humana e histórica. Daí resulta que a questão teológica acerca do sentido salvífico da mensagem da Bíblia está, intimamente, ligada ao rosto humano do autor material, histórico, das palavras.

Por isso mesmo, a doutrina da Bíblia terá que ser vista à luz duma relação alternante que, por um lado, numa retrospectiva, nos conduza à sua origem histórica; e, por outro lado, dê resposta ao problema da salvação pessoal de cada um de nós.

Temos, assim, aquilo que alguns autores classificam de “arco hermenêutico” em que a palavra de Deus, revelada no passado, atinge a proclamação atual de fé, mediante a tradição da Igreja e a reflexão teológica. A palavra de Deus penetra na fé e na vida do homem de hoje, através duma interpretação histórico-linguística.

Pode-se, portanto, afirmar que entre a Fé e a Ciência não há contradição. Nem pode haver. É que, sob prismas, embora diversos, ambas se conjugam para uma compreensão total do Ser. Apesar disso, por ironia do destino, essa meta da compreensão total do Ser não passará duma meta ideal, que nunca será atingida, uma vez que o Homem só dispõe da medida do finito, do relativo, para abarcar o infinito, o absoluto.

Por isso mesmo, quando o homem põe toda a sua realização pessoal na ciência humana, fica atolado na sua ignorância. É que a Ciência é um círculo fechado, constituída por leis e princípios que o Homem descobre, constrói e utiliza, para compreender e explicar a realidade, mas não é a própria realidade.

Portanto, para uns, a evolução da matéria orgânica revela perfeição nos princípios porque se rege; para outros, como o biólogo Jacques Monod (Jacques Lucien Monod, 1910-1976, foi um biólogo francês.

Foi agraciado com o Nobel de Fisiologia / Medicina de 1965, por descobrir atividades reguladoras no interior das células), ela é fruto de programação genética.

Dando um salto do finito para o infinito, do relativo para o absoluto, será caso para se afirmar: que Ser é esse que até de erros faz brotar a perfeição e a beleza doutros seres? Será Deus? Se sim, então vale a pena pensar Nele.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

5. Instruções dos Espíritos

5. Cuidar do corpo e do espírito

11. Consistirá na maceração do corpo a perfeição moral? Para resolver essa questão, apoiarme-ei em princípios elementares e começarei por demonstrar a necessidade de cuidar-se do corpo que, segundo as alternativas de saúde e de enfermidade, influi de maneira muito importante sobre a alma, que cumpre se considere cativa da carne. Para que essa prisioneira viva, se expanda e chegue mesmo a conceber as ilusões da liberdade, tem o corpo de estar são, disposto, forte. Façamos uma comparação: Eis se acham ambos em perfeito estado; que devem fazer para manter o equilíbrio entre as suas aptidões e as suas necessidades tão diferentes? Inevitável parece a luta entre os dois e difícil achar-se o segredo de como chegarem a equilíbrio.

Dois sistemas se defrontam: o dos ascetas, que tem por base o aniquilamento do corpo, e o dos materialistas, que se baseia no rebaixamento da alma. Duas violências quase tão insensatas uma quanto a outra. Ao lado desses dois grandes partidos, formiga a numerosa tribo dos indiferentes que, sem convicção e sem paixão, são mornos no amar e econômicos no gozar. Onde, então, a sabedoria? Onde, então, a ciência de viver? Em parte alguma; e o grande problema ficaria sem solução, se o Espiritismo não viesse em auxílio dos pesquisadores, demonstrando-lhes as relações que existem entre o corpo e a alma e dizendo-lhes que, por se acharem em dependência mútua, importa cuidar de ambos. Amai, pois, a vossa alma, porém, cuidai igualmente do vosso corpo, instrumento daquela. Desatender as necessidades que a própria Natureza indica, é desatender a Lei de Deus.

Não castigueis o corpo pelas faltas que o vosso livre-arbítrio o induziu a cometer e pelas quais é ele tão responsável quanto o cavalo mal dirigido, pelos acidentes que causa. Sereis, porventura, mais perfeitos se, martirizando o corpo, não vos tornardes menos egoístas, nem menos orgulhosos e mais caritativos para com o vosso próximo? Não, a perfeição não está nisso: está toda nas reformas por que fizerdes passar o vosso Espírito. Dobrai-o, submetei-o, humilhai-o, mortificai-o: esse o meio de o tornardes dócil à vontade de Deus e o único de alcançardes a perfeição.

(Georges, Espírito protetor, Paris, 1863.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Crônicas e Artigos

Nº 228 – 25/09/2011

O Consolador – (Leda Maria Flaborea)

V. Instruções dos Espíritos

V. Cuidar do corpo e do Espírito

Cuidar do corpo e da alma

Enquanto a criatura permanece no corpo material, é natural que se preocupe com o problema da própria manutenção. Na questão 718, de O Livro dos Espíritos, Kardec pergunta aos Espíritos Superiores:

“A Lei de Conservação obriga a prover as necessidades do corpo”? E os Benfeitores Espirituais respondem que sim, porque, sem a força e a saúde, o trabalho seria impossível.

Vivendo, pois, uma vida material, é necessário cuidar dela, seja no âmbito do próprio corpo, seja na vida de relação que estabelece com os demais seres.

O problema não está nessa necessidade natural, mas na maneira como entendemos isso, entendimento esse que nos coloca sob a força das Leis divinas, que harmonizam tudo no Universo.

Nisso reside, então, o conceito de que cada escolha que fazemos está sujeita às consequências que a presidem. Isso vale, também, para as questões do Espírito que necessita de manutenção e cuidados.

Do ponto de vista do Espírito, o corpo é uma prisão da qual ele necessita para viver experiências planetárias, em cumprimento ao programa evolutivo que lhe norteia, relativamente, a existência.

Em última análise, esse corpo é sua casa. (1)

Não sem razão, André Luiz lembra que: “Cada dia é novo ensejo para adquirirmos enfermidades ou curar nossos males.

O melhor remédio, antes de qualquer outro, é a vontade sadia, porque a vontade débil enfraquece a imaginação e a imaginação doentia debilita o corpo.

Doença do corpo pode criar doença da alma e doença da alma pode acarretar doença do corpo”.

(3) Portanto, nossa obrigação é cuidar dele com respeito, o que vale dizer que todo aquele que acreditar que, maltratando o corpo, purifica a alma, comete ação contra o patrimônio divino. (2)

Por que o corpo é patrimônio divino? Muitos dizem: “Esse corpo é meu e faço o que quiser com ele”. Será que ele pertence, verdadeiramente, a nós? Somos Espíritos, criados imortais, usando um corpo como instrumento para experiências evolutivas. Então, quem diz que o corpo é seu pressupõe que ele pertença ao Espírito. Se assim é, por que esse aparelho físico não o acompanha quando se liberta e vai para o plano espiritual? Sabemos que isso não acontece. Temos consciência de que a matéria fica e o Espírito parte sozinho. Então, reafirmamos a questão: A quem pertence o corpo? Podemos responder, sem medo de errar, que ele é patrimônio divino, emprestado ao Espírito para que, através dele, possa se manifestar no mundo em que foi chamado a viver. E, por ser emprestado, é que precisamos tomar muito cuidado com ele.

O que significa, diante dessa afirmação, cuidar do corpo? Recorramos a Kardec. Em O Livro dos Espíritos, questão 719, o Codificador pergunta aos Espíritos Superiores:

“É repreensível ao homem procurar o bem-estar? A resposta é clara:

“O bem-estar é um desejo natural. Deus não proíbe senão o abuso, porque o abuso é contrário à conservação. Ele não incrimina a procura do bem-estar, se esse bem-estar não é adquirido à custa de ninguém, e se não deve enfraquecer, nem as vossas forças morais, nem vossas forças físicas”.

Podemos pensar, então, que cuidar do corpo significa nutri-lo, proporcionando-lhe bem-estar, através da higiene, exercícios físicos e alimentação adequada – tudo isso sem exageros –, evitando os vícios – não importa quais sejam eles – que, lentamente, vão destruindo o que está

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

sob nossa responsabilidade. Nosso corpo é um corpo vivo com necessidades peculiares, e ignorar essas necessidades é ignorar as Leis da Natureza.

Ideias errôneas, que ainda hoje permeiam nossa existência – muitos povos as cultuam –, são levadas a extremos, constituindo-se em obstáculos ao caminhar evolutivo. De um lado, temos os que acreditam que, maltratando o corpo, purifica-se o Espírito; de outro, os que não acreditando que exista o Espírito – ou mesmo, aceitando a ideia da sua existência –, não o valorizam, cuidando, apenas, de cultuar o corpo.

Extremos que se chocam e que acabam praticando violências contra um e contra o outro. Entre esses dois extremos, há uma multidão de criaturas preguiçosas e indolentes em relação ao corpo. Encontramos, também, aqueles que não se interessam em fortificar o Espírito com valores morais. É necessário compreender que ambos estão ligados entre si e que os excessos de um trazem consequências para o outro.

Assim, quando nossa atenção está voltada apenas para o fortalecimento dos músculos, esquecemo-nos de dar força ao Espírito, preparando-o para enfrentar os problemas do dia a dia. Se, de outro lado, nossa atenção se concentra, somente, nas coisas do Espírito, não nos damos conta de que precisamos viver as coisas do mundo, caso contrário não progrediremos e não faremos progredir tudo o que está ao nosso redor. É tolice ignorar que assim evitaremos as tentações, pois é na luta contra elas que nos tornamos mais fortes. A verdade é que, em ambas as situações, deixamos de cumprir as Leis do Trabalho e do Progresso, dadas a nós, por Deus, para nossa evolução.

O que fazer, então? O equilíbrio é sempre o melhor caminho. Tanto o corpo quanto o Espírito possuem necessidades particulares, que precisam e devem ser atendidas, pois elas se complementam. Buscar esse equilíbrio com calma, respeito e dignidade é nossa tarefa planetária, objetivando crescimento e evolução. É, sem dúvida alguma, tarefa individual, porque cada um de nós será responsável pelas escolhas que fizer. Nada fazer é, também, uma escolha, lembremo-nos disso.

É bom não esquecer que vigilância espiritual não exclui previdência material e vice-versa. É necessário ter prudência no que armazenamos na matéria ou no campo do Espírito (sentimentos menos edificantes são o nosso grande obstáculo), porque ainda não conseguimos viver, plenamente, os ensinamentos de Jesus.

Torna-se fácil compreender, sob esse foco, o porquê do alerta evangélico do “vigiai e orai”.

Nosso tempo é agora, e hoje é o dia em que nos compete fazer o que deve ser feito em nosso próprio benefício. O amanhã? Bem – Esse é desígnio divino.

Bibliografia:

1. **KARDEC** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. 17, item 11,)
2. **KARDEC** Allan, O Livro dos Espíritos, (questões 718 a 727;
3. (**Espíritos Diversos**), O Espírito da Verdade, (psicografia, Chico Xavier, e Waldo Vieira), (lição 32.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Crônicas e Artigos

Nº 146 – 21/02/2010

O Consolador – (Thiago Bernardes)

V. Instruções dos Espíritos

V. Cuidar do corpo e do Espírito

Cuidados com o corpo e com o espírito

Macerar o próprio corpo não produz perfeição moral

1. Utilizada certa vez por Jesus, como podemos ler nos textos evangélicos, a expressão “a carne é fraca” tem sido repetida por pessoas que certamente atribuem ao corpo físico as atitudes infelizes e, por extensão, as quedas morais dos seres humanos. Provavelmente, outra não é a razão pela qual existem criaturas que procuram enfraquecer e mesmo flagelar o corpo, com o propósito de evitar as tentações.

2. A maceração do corpo, contudo, não produz nem significa perfeição moral porque, evidentemente, uma não leva à outra. O que se sabe é que o cuidado com o corpo material, promovendo a saúde e prevenindo as enfermidades, influi de maneira importante sobre a alma, porquanto para que essa prisioneira viva se expanda, e chegue a conceber as ilusões da liberdade, tem o corpo de estar sadio, disposto, forte.

3. Com efeito, temos no corpo humano o mais sublime dos santuários e uma das maravilhas da obra divina. Da cabeça aos pés, sentimos a glória do Supremo Idealizador que, no curso incessante dos milênios, organizou para o Espírito em crescimento o domicílio de carne em que a alma se manifesta.

4. Não padece dúvida de que, isolado na concha milagrosa do corpo, o Espírito se encontra reduzido em suas percepções a limites que se fazem necessários. Visão, audição, tato padecem enormes restrições. O cérebro físico é gabinete escuro, que lhe proporciona ensejo de recapitular e reaprender. Conhecimentos adquiridos e hábitos arraigados aí jazem na forma estática de intuições e tendências.

O corpo físico é o instrumento passivo da alma

5. Dentro das grades dos sentidos fisiológicos, o Espírito recebe, no entanto, gloriosas oportunidades de trabalho em busca da autossuperação. Entendamos, pois: O corpo material é instrumento de manifestação do Espírito encarnado. Não é ele – corpo – que é fraco no tocante às quedas morais, mas sim o Espírito.

6. O corpo nada mais é que um instrumento passivo e é de sua condição perfeita que depende a perfeita exteriorização das faculdades do Espírito. Da cessação da atividade desse ou daquele centro orgânico resulta o término da manifestação que lhe é correspondente. É daí que provém toda a sabedoria da velha máxima “mente são em corpo são”.

7. O corpo material não funciona apartado da alma – ele é, em verdade, a sua representação. Suas células são organizadas segundo as disposições perispirituais do indivíduo, de modo que o organismo doente retrata um Espírito enfermo.

8. No que se refere ao “corpo são”, tem o atletismo um papel importante e seria sua ação das mais edificantes no tocante à saúde humana, se o homem em sua vaidade e egoísmo não houvesse viciado também a fonte da ginástica e do esporte, transformando-a muitas vezes em tablado de entronização da violência e do abastardamento moral da mocidade, iludida com a força bruta e enganada pelos imperativos da chamada eugenia.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

Não cuidar do corpo é desatender a lei de Deus

9. O homem tem o dever de velar pela conservação do seu corpo. É esta uma lei absoluta, que não lhe é dado ab-rogar e, por esse motivo, não lhe assiste o direito de sacrificar ao supérfluo os cuidados que o veículo físico reclama.

10. Devemos amar nossa alma, sim, cuidando igualmente da saúde do corpo, instrumento que serve à evolução daquela. Desatender às necessidades que a própria Natureza prescreve é desatender à lei de Deus, e tal atitude gera efeitos inevitáveis, como André Luiz registrou em sua primeira obra.

11. Quando André, após ser examinado por Henrique de Luna, escutou-o a dizer-lhe que lamentava tivesse “vindo pelo suicídio”, André protestou: “Lutei mais de quarenta dias, na Casa de Saúde, tentando vencer a morte. Sofri duas operações graves, devido a oclusão intestinal.” O médico espiritual explicou-lhe então que a oclusão radicava-se em causas profundas. “Talvez o amigo não tenha ponderado bastante. O organismo espiritual apresenta em si mesmo a história completa das ações praticadas no mundo”, explicou-lhe Henrique.
(Nosso Lar, cap. 4, p. 31 e 32.)

12. A oclusão – observou em seguida o facultativo – derivava de elementos cancerosos e estes, por sua vez, de algumas leviandades cometidas por André no campo da sífilis. A moléstia talvez não assumisse características tão graves se seu procedimento mental no planeta estivesse enquadrado nos princípios da fraternidade e da temperança. Seu modo especial de agir, muita vez exasperado e sombrio, captara destruidoras vibrações nos que o rodeavam. A cólera é manancial de forças negativas para nós mesmos. A ausência de autodomínio, a inadvertência no trato com as pessoas, a quem muitas vezes ofendera sem refletir, conduziam-no com frequência à esfera dos seres doentes e inferiores. Foi isso que agravou o seu estado. Todo o aparelho gástrico fora destruído à custa de excessos de alimentação e de bebidas alcoólicas; a sífilis devorou-lhe energias essenciais; o suicídio era incontestável.
(Obra citada, cap. 4, pp. 32 e 33.)

Questões propostas

1. Utilizada por Jesus, a expressão “a carne é fraca” é correta ou não passa de um equívoco?

R. A frase usada por Jesus não tem o sentido que alguns lhe atribuem. Ora, o corpo físico não é responsável pelas atitudes infelizes e pelas quedas morais do indivíduo. O Mestre referia-se, obviamente, à condição do Espírito reencarnado, que sofre muito a influência do meio em que vive e as restrições que a encarnação lhe impõe.

2. Como o Espiritismo sugere que cuidemos do nosso corpo material?

R. Temos o dever de velar pela conservação do corpo. É esta uma lei absoluta, que não é dado ao homem ab-rogar e, por esse motivo, não lhe assiste o direito de sacrificar ao supérfluo os cuidados que o veículo físico reclama. Devemos amar nossa alma, sim, cuidando igualmente da saúde do corpo, instrumento que serve à evolução daquela.

3. A proposta contida na velha máxima “mente sã em corpo são” deve ser interpretada de que modo?

R. O corpo nada mais é que um instrumento passivo e é de sua condição perfeita que depende a perfeita exteriorização das faculdades do Espírito. Da cessação da atividade desse ou daquele centro orgânico resulta o término da manifestação que lhe é correspondente. O corpo material não funciona apartado da alma – ele é, em verdade, a sua representação. Suas células são organizadas segundo as disposições perispirituais do indivíduo, de modo que o organismo doente retrata um Espírito enfermo.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVII)

4. A falta de cuidados com o próprio corpo pode acarretar consequências desagradáveis?

R. Sim. Desatender às necessidades que a Natureza prescreve é desatender à lei de Deus, e tal atitude gera efeitos desagradáveis.

5. Por que, após haver examinado André Luiz, o médico Henrique de Luna, da colônia espiritual “Nosso Lar”, afirmou que André desencarnara devido a um suicídio? André foi suicida?

R. Sim. Algumas leviandades cometidas por André Luiz no campo da sífilis, seu modo especial de agir, muita vez exasperado e sombrio, a ausência de autodomínio, a inadvertência no trato com as pessoas, a quem muitas vezes ofendera sem refletir, conduziam-no com frequência à esfera dos seres doentes e inferiores. Todo o aparelho gástrico fora destruído à custa de excessos de alimentação e de bebidas alcoólicas; a sífilis devorou-lhe energias essenciais; seu suicídio, embora não consciente, fora incontestável.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (cap. XVII, item 11.)

Sayão Antônio Luiz, Elucidações evangélicas, (p. 459.)

Emmanuel, O Consolador, (psicografia Chico Xavier), (questão nº 127.)

Emmanuel, Emmanuel, (psicografia Chico Xavier), (p. 184.)

Emmanuel, Livro da Esperança, (psicografia Chico Xavier), (p. 49.)

Emmanuel, Roteiro (psicografia Chico Xavier), (pp. 15, 16, 20 e 21.)

André Luiz, Nosso Lar, (psicografia Chico Xavier), (cap. 4.)